





























## 1 INTRODUÇÃO

A promoção da inclusão tem se consolidado como um dos pilares fundamentais da educação contemporânea, ao buscar garantir a participação de todos os estudantes nos processos de ensino e aprendizagem. Isso implica enfrentar e superar diferentes formas de exclusão e desvalorização associadas à deficiência, desempenho, religião, etnia, gênero, classe social, estrutura familiar, estilo de vida ou sexualidade (Booth; Ainscow, 2011). No contexto das aulas de Educação Física, e, em especial, no ensino do basquetebol, incluir significa ir além da acessibilidade: é assegurar que cada aluno, independentemente de suas habilidades ou particularidades, encontre na quadra um espaço de pertencimento, reconhecimento e desenvolvimento integral.

O processo de ensino-aprendizagem do esporte no contexto escolar, quando orientado por uma abordagem inclusiva, oferece benefícios nas dimensões físicas, cognitivas e sociais (Ramos *et al.*, 2015). Promover a inclusão no ensino do basquetebol requer a implementação de estratégias pedagógicas que atendam às necessidades individuais de cada aluno, respeitando suas habilidades e limitações. Para isso, é fundamental criar um ambiente seguro e acolhedor, onde todos os estudantes possam participar ativamente, independentemente de suas capacidades.

Rodrigues (2009) destaca a relevância de introduzir os jogos aos alunos, ressaltando seu papel no desenvolvimento de um indivíduo autônomo. Ao se engajar no jogo, o estudante tende a aumentar seus esforços para obter sucesso nas ações. Para a implementação do ensino do basquetebol de forma inclusiva no ensino médio, é essencial adaptar as regras, bem como o ambiente de jogo, às necessidades dos alunos. Isso pode envolver o uso de bolas menores, ajustes na altura das tabelas e modificações nas regras. Tais adaptações tornam o jogo mais acessível, oportunizando maior participação dos estudantes.

Os conceitos de “esporte da escola” e “esporte na escola” apresentam distinções essenciais no campo da Educação Física escolar, com implicações importantes no processo educativo e na inclusão dos alunos (Coletivo de Autores, 1992; Darido; Rangel, 2005). O esporte na escola refere-se às práticas esportivas que ocorrem no ambiente escolar, mas que são voltadas à competição e ao rendimento. Esse modelo enfatiza o desenvolvimento de habilidades técnicas e táticas com o objetivo de preparar os alunos para representar a instituição em competições,

priorizando desempenho, resultados e seleção dos mais habilidosos (Tubino, 1999). Nesse contexto, a prática esportiva é, muitas vezes, excludente, pois privilegia aqueles que já possuem aptidões avançadas.

Por outro lado, o esporte da escola insere-se no âmbito pedagógico e busca utilizar o esporte como meio de educação e inclusão, promovendo a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou condições físicas (Bracht, 1992). Esse modelo privilegia o esporte como ferramenta para o desenvolvimento integral dos estudantes, enfatizando valores como cooperação, respeito e inclusão social. Além disso, o esporte da escola é caracterizado pela flexibilização de regras, adaptação de materiais e composição de equipes heterogêneas, permitindo maior integração e equidade (Darido, 2007).

A Educação Física escolar, conforme descrito na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um componente indispensável para a formação integral dos estudantes, podendo desenvolver as dimensões motoras, cognitivas e sociais de maneira integrada (Brasil, 2018). A BNCC estrutura a Educação Física em unidades temáticas que abrangem esportes, jogos e brincadeiras, danças, ginásticas, lutas, práticas corporais de aventura e outras atividades corporais. Essa organização visa assegurar a diversidade de experiências e garantir a oferta de uma ampla gama de práticas corporais aos alunos, respeitando as diversidades culturais e corporais presentes no contexto escolar (Mendes; Paes, 2019).

Além disso, o componente busca ir além da mera reprodução de habilidades técnicas, promovendo reflexões críticas sobre práticas corporais, o reconhecimento de valores como o respeito e a cooperação, e a valorização das manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento (Kunz, 2004). Assim, a Educação Física escolar, orientada pela BNCC, torna-se uma ferramenta essencial para a promoção da inclusão, da saúde e do desenvolvimento da cidadania, reforçando a formação de sujeitos críticos e participativos no ambiente educacional.

Nesta organização curricular, o basquetebol está alocado na unidade temática dos esportes de invasão, um grupo que envolve atividades em que as equipes devem avançar sobre o território adversário para pontuar (González, 2004). O basquetebol, em específico, exige dos alunos a aplicação de competências técnico-táticas e a capacidade de tomar decisões rápidas em contextos de oposição direta (Gréhaigne; Guillon, 1991). Dessa forma, o ensino não se restringe apenas ao desenvolvimento

de habilidades motoras, estimulando também a inteligência tática, a cooperação e o trabalho em equipe.

A escolha do basquetebol como foco deste estudo é fundamentada em experiências pessoais e profissionais do pesquisador, que, ao longo de sua trajetória, sempre esteve envolvido com o esporte. Crescendo em um ambiente onde o basquete fez parte de sua vivência desde a infância e adolescência, o pesquisador consolidou sua paixão pela modalidade, atuando há mais de sete anos como professor de escolinha no município de Diamantino, Mato Grosso. Essa questão prática e o contato direto com o basquetebol, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, servem de base para a motivação em aprofundar o estudo teórico e prático desse esporte nas aulas de Educação Física.

A inclusão nas aulas de Educação Física é um princípio fundamental que visa eliminar as diversas formas de exclusão que podem impactar negativamente a participação dos alunos. No contexto do basquetebol, garantir a inclusão significa criar um ambiente onde todos, independentemente de suas habilidades técnicas, tenham a oportunidade de se desenvolver física, social e emocionalmente (Booth; Ainscow, 2011). Ao adaptar o ensino do basquete no ambiente escolar, é possível não só ampliar o acesso, mas também promover o engajamento e a participação ativa de todos os estudantes, contribuindo para uma educação mais equitativa e democrática (Ramos *et al.*, 2015).

A inclusão de alunos menos habilidosos no ensino do basquetebol no Ensino Médio ressalta os princípios estabelecidos na Declaração de Salamanca (1994), que enfatiza a necessidade de sistemas educacionais mais inclusivos e adaptáveis às diferenças individuais dos estudantes. Nesse contexto, estratégias pedagógicas como o ensino cooperativo, a adaptação das regras do jogo e a diversificação das atividades práticas podem favorecer a participação equitativa de todos os alunos, independentemente do nível de habilidade motora.

No presente estudo, explorou-se a viabilidade de implementar o basquetebol de maneira inclusiva, com estratégias que atendessem às necessidades dos alunos, como a adaptação de regras e espaços de jogo. A escolha dessa modalidade foi motivada pela vivência pessoal e profissional do pesquisador com o esporte, que vislumbra a democratização do basquete nas escolas como um passo essencial para a promoção de valores de inclusão.

A partir dessa perspectiva, a pergunta que norteou o estudo foi: "De que maneira a implementação de práticas pedagógicas inclusivas pode promover a participação de todos os alunos no ensino do basquetebol nas aulas de Educação Física do ensino médio?"

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar as possibilidades didático-pedagógicas para a inclusão do basquetebol nas aulas de Educação Física do ensino médio, promovendo a democratização da prática esportiva e de ações inclusivas no ambiente escolar.

### **2.2 Objetivos específicos**

- • Elaborar e implementar uma proposta pedagógica para o ensino do basquetebol, integrando as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.
- Verificar os impactos da proposta de ensino no envolvimento e na participação ativa dos estudantes nas aulas de Educação Física.
- Identificar as dificuldades e oportunidades encontradas na aplicação de uma intervenção com a proposta de ensino inclusivo para a prática do basquetebol na Educação Física escolar.

### **2.3 Produto educacional**

Espera-se desenvolver, ao final deste estudo, um Produto Educacional, regulado por uma cartilha pedagógica com metodologia de ensino voltada para o desenvolvimento do esporte de invasão: basquetebol nas aulas de Educação Física escolar, nos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, objetivando a valorização do esporte de invasão e o despertar da conscientização da cultura do basquete dentro das aulas, resgatando e inserindo o basquete na escola.

## **3. MARCO TEÓRICO**

### **3.1 O basquetebol como jogo esportivo coletivo e suas implicações para o processo de Ensino-Aprendizagem**

A compreensão e aplicação da tática desempenham papel fundamental no desenvolvimento esportivo, definido como o processo contínuo e abrangente de crescimento e aprimoramento dos aprendizes do esporte (Folle; Nascimento; Graça, 2015). Nesse contexto, estudos na área da pedagogia do esporte, especificamente nos esportes coletivos, como Almond (1986), Griffin, Mitchel e Oslin (1997) e Graça e Mesquita (2007), são referências importantes para compreender o processo de ensino-aprendizagem. De maneira geral, os resultados dos estudos interventivos destacam a necessidade de um ensino efetivo que promova a compreensão conceitual, a tomada de decisões e a transferência de habilidades táticas para o contexto do jogo. Portanto, explorar suas contribuições é fundamental para aprimorar as abordagens pedagógicas e maximizar o desenvolvimento tático dos alunos.

No basquetebol, os problemas táticos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento dos jogadores e da equipe (Almond, 1986; Griffin, Mitchel, Oslin, 1997). Esses problemas referem-se à identificação e resolução de situações específicas durante as partidas, envolvendo tomadas de decisão. Isso inclui a seleção de movimentações, a leitura da defesa adversária (individual, zona, combinada ou mista) e a criação de oportunidades de pontuação (criar linha de passe e finalizar). Ao abordar e resolver esses problemas táticos, os jogadores aprimoram sua compreensão do jogo e sua capacidade de tomar decisões rápidas e precisas, contribuindo para o sucesso coletivo no basquetebol.

Os problemas que emergem do jogo estão relacionados com a lógica interna do esporte em relação a pontuar e prevenir pontos, estando alicerçados na compreensão dos princípios operacionais dos jogos esportivos coletivos (JEC), apresentando-se como essenciais para a análise e o desempenho dessas modalidades esportivas. Bayer (1986) destacou a importância de considerar os fundamentos que guiam a dinâmica desses jogos, incluindo aspectos como a interação entre os jogadores, a colaboração em equipe, a tomada de decisões estratégicas, o controle do espaço de jogo e a execução estratégica específica. Esses princípios não apenas moldam a forma como os jogos são disputados, mas também influenciam diretamente o desenvolvimento de habilidades técnicas e táticas dos atletas, impactando no sucesso e na excelência do desempenho.

**Quadro 1** - Princípios operacionais dos Jogos Esportivos Coletivos

<b>PRINCÍPIOS OPERACIONAIS</b>	
<b>OFENSIVOS</b>	<b>DEFENSIVOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Manter a posse de bola.</li> <li>- Atacar o alvo.</li> <li>- Progredir em direção ao alvo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Recuperar a posse de bola.</li> <li>-Proteger o alvo.</li> <li>-Impedir a progressão do adversário.</li> </ul>

Fonte: Bayer (1986)

O processo de ensino-aprendizagem do basquetebol deve promover a compreensão e a aplicação dos Princípios Operacionais desde as fases iniciais da formação esportiva, como enfatizado por Bayer (1994), que destaca a relevância da tática como um elemento central no desenvolvimento esportivo. Esses princípios representam bases conceituais que orientam a dinâmica da modalidade, envolvendo ações essenciais, como manter a posse de bola, criar espaços, explorar oportunidades de finalização e recuperar a posse defensiva (Garganta, 1995). Essa abordagem ajuda os iniciantes a compreender não apenas o "como", mas também o "porquê" das ações de jogo, preparando-os para tomar decisões estratégicas e adaptativas em situações reais da partida (Gréhaigne; Godbout; Bouthier, 2001).

Nesse sentido, o modelo de aprendizagem implícita pelo meio do jogo, apresentado nas proposições da Escola da Bola (Kroger; Roth, 2002) e na Escola da Bola: Jogos de Arremesso (Roth; Memmert; Schubert, 2018), enfatiza o desenvolvimento de capacidades técnicas básicas como elemento central para a compreensão da dinâmica tática do jogo. Essas capacidades envolvem habilidades coordenadas, táticas e técnicas que, além de influenciar a maneira como os jogadores executam as ações no jogo, impactam diretamente sua eficácia.

Esse modelo prioriza conteúdos que estimulam a compreensão das interações, formando os aprendizes de maneira progressiva e contextualizada, e promovendo um aprendizado integrado. A aplicação prática dos conceitos contribui, assim, para o desenvolvimento da excelência esportiva e favorece a adaptação dos alunos a situações dinâmicas e complexas durante a partida.

No ensino do basquetebol, é fundamental priorizar o desenvolvimento dessas capacidades desde as fases iniciais da formação (6 aos 10 anos) (Garganta, 1998; Greco; Benda, 1998; Kroger; Roth, 2002). São essas capacidades que servirão como

alicerces para o aprendizado das ações táticas mais avançadas, tanto individuais quanto coletivas, como ofertar-se e oferecer-se, bloqueios diretos e indiretos, além das movimentações coletivas.

A lógica do basquetebol reside na interação entre as capacidades tático-técnicas, no contexto de oposição direta (ataque-defesa). No jogo, a estrutura das ações é guiada por essa interconexão. As capacidades técnicas, que englobam dribles, passes, arremessos e movimentações individuais, desempenham um papel fundamental na criação de oportunidades. Por outro lado, as capacidades táticas envolvem o entendimento de ações e comportamentos, como criar espaços para arremessos, posicionar-se melhor na defesa e cooperar com os colegas de equipe. Essa lógica compõe a essência do basquetebol.

**Quadro 2** - Estrutura das ações do jogo de basquetebol

<b>LÓGICA DO BASQUETEBOL</b>			
<b>ESTRUTURA DAS AÇÕES DO JOGO</b>			
<b>Capacidades técnicas</b>		<b>Capacidades táticas</b>	
<b>Ofensivas</b>	<b>Defensivas</b>	<b>Ofensivas</b>	<b>Defensivas</b>
- Manejo de bola - Dribles - Passes - Arremessos - Rebotes	- Posição defensiva -Deslocamentos defensivos - Rebotes	-Ações táticas - Sistema de jogo: * Posicionado * Transição	- Ações táticas -Sistemas defensivos: * Individual * Zona * Mista *Combinada

**Fonte:** Adaptado de Rose Junior e Tricoli (2005).

As demandas que estruturam o jogo de basquetebol formam um complexo (ataque-defesa) que se desdobra em quadra, com raízes sólidas na tática e na técnica. Essa compreensão é baseada nas contribuições de Almond (1986) e Griffin, Mitchel e Oslin (1997), apresentadas no quadro a seguir. Os problemas táticos representam desafios de decisão para os jogadores, envolvendo ações no ataque e na defesa, como criar oportunidades de arremesso, fazer passes precisos e defender oponentes. Tais ações demandam capacidades técnicas, como o domínio da bola e a precisão dos passes, constituindo a base que sustenta esses movimentos.

A compreensão das ações táticas no basquetebol é um pilar essencial para o sucesso no jogo. Com base nas contribuições de Greco (1998), as ações táticas podem ser divididas em três categorias distintas, mas interligadas: individuais, de grupo e de conjunto. Essas ações representam as estratégias e decisões que os jogadores e equipes empregam para criar vantagens ofensivas e defensivas. As ações táticas individuais envolvem habilidades e movimentos executados pelos jogadores individualmente, como dribles, fintas e arremessos. As ações de grupo desencadeiam uma coordenação mais ampla entre dois ou mais jogadores, como a execução de jogadas ensaiadas ou a combinação de movimentos para superar a defesa adversária. Por fim, as ações de conjunto abrangem as estratégias globais da equipe, incluindo sistemas de jogo e transições ofensivas e defensivas. Essa divisão das ações oferece uma estrutura que orienta o desenvolvimento do jogo, destacando a importância da tomada de decisão, da comunicação e da execução.

O processo de ensino-aprendizagem da tática no basquetebol é mediado pela compreensão e aplicação dos princípios operacionais dos Jogos Esportivos Coletivos, conforme explorado por Bayer (1986), sendo fundamentais para construir uma base sólida das competências esportivas. Isso serve como trampolim para a exploração das táticas básicas, conforme delineado por Kroger e Roth (2002), que desempenham um papel essencial no desenvolvimento dos aprendizes. Além disso, a resolução de problemas táticos, apresentada com base nas contribuições de Almond (1986) e Griffin, Mitchel e Oslin (1997), é crucial para aprimorar o desempenho individual e a compreensão tática. Por fim, as ações táticas, conforme descritas por Greco (1998), representam a aplicação prática dessas ações em um contexto específico da modalidade. Logo, o processo de ensino-aprendizagem da tática no basquetebol é um percurso que se baseia na compreensão, na aplicação e no aprimoramento contínuo desses elementos constituintes.

A temática é emergente e há um interesse crescente na comunidade científica em analisar os benefícios dos programas de ensino na aprendizagem de esportes coletivos (Mazzardo *et al.*, 2022). Atualmente, observa-se uma tendência de ajustar conteúdos e variáveis nos programas de ensino, uma vez que os resultados demonstram que o ensino pode refletir as vantagens oferecidas por cada modelo de ensino-aprendizagem dos diversos componentes, como táticos, técnicos e socioemocionais, presentes nos esportes coletivos.

Diante do exposto, torna-se evidente que a compreensão e aplicação da tática são fundamentais no ensino do basquetebol escolar, pois permitem aos alunos desenvolver habilidades essenciais para a tomada de decisões e a resolução de problemas em situações dinâmicas de jogo (Gréhaigne; Godbout; Bouthier, 2001). No contexto educacional, a pedagogia do esporte deve ser adaptada para além da formação esportiva, estruturando-se como um meio de inclusão e participação ativa de todos os estudantes. Para isso, o ensino do basquetebol na escola deve partir de princípios operacionais que enfatizem o jogo situacional e a aprendizagem baseada na experiência real, possibilitando que os alunos construam conhecimento a partir da prática e da reflexão sobre as ações realizadas (Bayer, 1986; Griffin; Mitchel; Oslin, 1997). Estratégias didáticas como a modificação de regras, a adaptação de espaços e a variação nas composições das equipes são essenciais para garantir um ambiente inclusivo e acessível, permitindo que todos os alunos participem ativamente, independentemente do nível de habilidade (Graça; Mesquita, 2007). Assim, um ensino que valorize a compreensão tática e a cooperação, por meio de abordagens como o ensino com base em jogos modificados e na tomada de decisões, contribui não apenas para o desenvolvimento esportivo, mas também para a formação integral dos alunos, reforçando o basquete como uma ferramenta de desenvolvimento social e educacional.

### **3.2 A Educação física escolar e o ensino dos esportes.**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo, fundamentado na LDB, nas Diretrizes Curriculares Nacionais e no Plano Nacional de Educação, homologado em 2017. Seu objetivo é orientar a elaboração e adequação dos currículos e propostas pedagógicas, assegurando os direitos de aprendizagem a serem desenvolvidos em todas as instituições de ensino públicas e privadas do país ao longo da Educação Básica. A base está orientada por princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A BNCC desempenha um papel crucial na promoção da educação inclusiva no Brasil, com o objetivo de garantir que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a um currículo de qualidade. A inclusão abordada no

documento vai além do atendimento aos alunos com necessidades especiais, abrangendo também a valorização das diversidades culturais, socioeconômicas e étnico-raciais, com a intenção de construir um ambiente escolar mais justo e plural (Brasil, 2018).

Conforme demarcam Lockmann, Machado e Freitas (2017), a BNCC redefine o conceito de inclusão, mas pode, inadvertidamente, gerar novas formas de exclusão. Embora a proposta de integrar todos os alunos em um currículo comum busque garantir igualdade no acesso ao conhecimento, essa inclusão nem sempre se concretiza na prática. Fatores como a formação adequada dos profissionais da Educação e as condições de infraestrutura das escolas são fundamentais para que a inclusão prevista no documento seja efetivamente implementada.

Conforme apontam Coelho *et al.* (2019), integrar alunos com diferentes necessidades em um mesmo ambiente educacional enriquece não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o social e o emocional de todos os envolvidos. Essa convivência diária promove empatia, democracia e a transformação das diferenças em oportunidades de aprendizado, além de reduzir preconceitos e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. Lockmann, Machado e Freitas (2017) e Coelho *et al.* (2019) ressaltam que, sem o investimento necessário, a inclusão pode se tornar um conceito superficial, incapaz de atender plenamente às necessidades dos alunos, gerando novas formas de exclusão.

A terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2017, estabeleceu diretrizes claras para a promoção da equidade e igualdade no ambiente escolar, com especial atenção à inclusão de grupos historicamente marginalizados. No contexto das aulas de Educação Física, essas diretrizes ganham ainda mais relevância, uma vez que a disciplina, por sua natureza prática, tende a evidenciar desigualdades de habilidades motoras, além de reproduzir exclusões sociais (Santos; Matos; Santos, 2020). A BNCC, ao se basear na Lei nº 13.146/2015, reconhece que, para garantir a participação plena e significativa de todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, é necessário adotar práticas pedagógicas inclusivas e currículos adaptados que contemplem a diversidade de habilidades e condições dos estudantes (Brasil, 2017, p. 14).

A inclusão nas aulas de Educação Física não deve se restringir apenas aos alunos com deficiência, mas também deve abranger aqueles com menor habilidade motora e os pertencentes a minorias étnico-raciais, socioeconômicas ou culturais.

Esses alunos, muitas vezes, encontram-se à margem das atividades físicas convencionais e precisam de atenção especial para que se sintam parte integrante do processo educacional. A BNCC propõe um ambiente mais democrático, em que as diferenças sejam encaradas como oportunidades de aprendizado, e não como obstáculos. Para isso, é essencial que os professores de Educação Física sejam capacitados a desenvolver metodologias que promovam a participação de todos, estimulando o desenvolvimento integral dos alunos.

O esporte, dentro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é abordado como uma das práticas corporais que compõem a área de Educação Física, com ênfase em sua potencialidade para promover competências motoras, cognitivas, afetivas e sociais nos estudantes. Conforme Menezes (2011), o esporte pode ser um meio de formar subjetividades, ajudando a moldar comportamentos mais inclusivos. No entanto, como destaca Rocha *et al.* (2021), embora o esporte seja uma via promissora para a inclusão, há desafios, uma vez que, em alguns contextos, as práticas esportivas podem aumentar a exclusão ao favorecer aqueles com maior capacidade física ou habilidades esportivas, deixando de lado alunos com menor habilidade ou pertencentes a grupos minoritários.

As práticas corporais, foco da Educação Física, estão organizadas na BNCC em seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos, danças, esportes, ginásticas, lutas e práticas corporais de aventura (Brasil, 2018). Entre elas, a unidade temática "Esportes" se destaca, sendo a mais difundida entre os objetos de conhecimento. Na BNCC, os esportes são caracterizados tanto por suas manifestações formais, que envolvem comparação de desempenho e são regulamentadas por associações e federações esportivas, quanto por suas manifestações no lazer e na saúde. Segundo Rocha *et al.* (2021), isso reforça a importância de adaptar as práticas esportivas aos interesses e capacidades dos alunos, permitindo ajustes em termos de espaço, número de participantes e materiais, de forma a garantir que o esporte funcione como uma ferramenta de inclusão e não de exclusão.

A BNCC adota uma classificação dos esportes baseada na lógica interna das modalidades, considerando critérios como cooperação, interação com adversários, desempenho motor e objetivos estratégicos (González *et al.*, 2015). Essa estrutura organiza os esportes em sete categorias: esportes de marca, isolamento, técnico-combinatórios, rede/quadra dividida ou parede de rebote, campo e taco, invasão ou territoriais, e de combate. Tal categorização busca agrupar modalidades com

requisitos motores semelhantes, permitindo uma abordagem pedagógica mais clara e adaptada às diferentes capacidades dos alunos. De acordo com González e Bracht (2012), essa perspectiva reforça a importância de métodos de ensino que considerem não apenas os aspectos técnicos, mas também os elementos táticos e sociais dos esportes. Essa abordagem contextualizada contribui para o desenvolvimento da autonomia dos alunos e da compreensão crítica do jogo, alinhando-se aos objetivos da BNCC em promover a formação integral do estudante.

Um aspecto relevante da BNCC é a introdução de modalidades esportivas que fogem dos padrões tradicionais de alto rendimento, como futebol, basquete e vôlei. A inclusão de esportes alternativos, cooperativos ou adaptados, como os jogos inclusivos, é uma estratégia importante para democratizar a prática esportiva nas escolas. Essas atividades proporcionam uma abordagem mais acessível, ampliando as oportunidades para alunos de diferentes habilidades participarem ativamente das aulas de Educação Física.

Essas iniciativas visam ampliar o repertório esportivo dos estudantes, promovendo experiências que priorizam a cooperação, integração e respeito mútuo, em vez de focar exclusivamente na competição e no desempenho físico. Dessa forma, os esportes alternativos ajudam a promover uma cultura mais inclusiva dentro das escolas, valorizando o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais dos alunos. Isso reforça o potencial do esporte como uma ferramenta poderosa de inclusão e desenvolvimento integral, conforme orientado pela BNCC.

No entanto, para que o esporte escolar cumpra plenamente esse papel inclusivo, é fundamental que as atividades sejam planejadas e implementadas de maneira a acolher todas as diversidades presentes no ambiente escolar. Isso exige uma mudança na forma como o esporte é tradicionalmente concebido, indo além do foco na performance atlética. A participação equitativa e o desenvolvimento integral de cada estudante devem ser priorizados, garantindo que as práticas esportivas contribuam para o crescimento social, motor e cognitivo de todos os alunos, independentemente de suas habilidades.

A formação pedagógica dos professores de Educação Física tem sido historicamente negligenciada, em detrimento de uma ênfase excessiva nas dimensões técnicas, corporais e biológicas. Como resultado, as disciplinas pedagógicas, que deveriam fundamentar o processo de ensino-aprendizagem, são abordadas em segundo plano. Esse desequilíbrio se reflete na prática escolar, que

privilegia o desempenho físico e as habilidades atléticas, ao mesmo tempo que subestima aspectos essenciais, como a inclusão de alunos com necessidades educacionais (Nascimento, 2017). Esse foco excessivo na performance compromete a inclusão e cria barreiras entre alunos com diferentes níveis de habilidade, tornando a cooperação e o respeito à diversidade mais difíceis de serem alcançados (Darido, 2012).

Essa lacuna na formação docente afeta diretamente a forma como o esporte é tratado nas escolas. Atividades excessivamente competitivas reforçam a exclusão, muitas vezes limitando a participação de alunos menos habilidosos e perpetuando formas de discriminação. Diante desse cenário, é fundamental que os professores de Educação Física sejam capacitados para reconhecer as diferenças entre os estudantes e implementar práticas pedagógicas que assegurem a inclusão de todos, combatendo preconceitos e garantindo a participação ativa de todos os alunos (Moreira *et al.*, 2019). Nesse sentido, o desenvolvimento de habilidades sociais, como cooperação, empatia e respeito às diferenças, deve ser tratado com a mesma relevância que o desenvolvimento físico.

Portanto, a inclusão no ambiente educacional não deve ser encarada como um ideal distante, mas como uma responsabilidade prática e urgente para todos os envolvidos no processo educativo. Isso demanda a implementação de estratégias pedagógicas que promovam o acesso justo às atividades físicas e esportivas, levando em consideração as habilidades e necessidades individuais de cada aluno. Para Darido e Rangel (2005), alcançar esse objetivo exige uma formação docente mais ampla, que vá além do desenvolvimento técnico e inclua dimensões pedagógicas e sociais, essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

### **3.3 A inclusão nas aulas de Educação Física.**

A inclusão nas aulas de Educação Física é fundamental para garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou características individuais, participem ativamente. De acordo com Chicon (2008), a Educação Física ainda enfrenta o desafio da exclusão, muitas vezes devido à falta de adaptação das práticas pedagógicas para atender às necessidades diversas dos alunos. A inclusão efetiva não se trata apenas de integrar fisicamente os alunos nas atividades, mas também de promover sua participação significativa, proporcionando oportunidades de

aprendizado que respeitem suas habilidades e limitações (Goodwin; Watkinson, 2000).

No ensino do basquetebol no contexto escolar, a inclusão requer a adoção de estratégias pedagógicas que vão além do ensino tradicional e competitivo. Segundo Chicon (2008), ao propor uma abordagem inclusiva, os educadores precisam adotar práticas como o ensino cooperativo, que valoriza o trabalho coletivo entre os alunos e não apenas o desempenho individual. Dessa forma, todos os estudantes, independentemente de suas habilidades, podem participar e contribuir para o desenvolvimento das aulas. Essa abordagem permite que os alunos trabalhem juntos, criando um ambiente de aprendizado colaborativo e integrado. Para Bracht e González (2015), é fundamental que o ensino dos esportes coletivos priorize não apenas a técnica, mas também o entendimento tático e a interação social, elementos que favorecem a inclusão. Além disso, Garganta (2009) destaca que as práticas pedagógicas devem possibilitar a experiência de papéis diversificados, como atacante e defensor, promovendo o aprendizado e a valorização das contribuições de cada aluno. Essa perspectiva é corroborada por Paes e Scaglia (2014), que enfatizam que a adaptação de regras e dinâmicas de jogo pode facilitar a participação ativa de todos os alunos, fortalecendo o caráter inclusivo das aulas.

A criação desse ambiente inclusivo demanda a formação adequada dos professores de Educação Física. Chicon (2008) destaca que a capacitação docente é um dos pilares fundamentais para a promoção da inclusão nas escolas. Os professores devem estar aptos a reconhecer as diversas necessidades dos alunos e a implementar adaptações adequadas no currículo (Darido, 2004). No ensino do basquetebol, isso pode significar a introdução de regras adaptadas, equipamentos diferenciados e a criação de grupos de trabalho cooperativos que contemplem as diferenças físicas e cognitivas dos estudantes.

Também é necessário ressaltar que a inclusão no basquetebol escolar não é apenas uma questão de metodologia, mas também de valores. De acordo com Chicon (2008), a escola deve ser um espaço onde as diferenças sejam respeitadas e valorizadas, o que requer um compromisso contínuo por parte dos educadores e da comunidade escolar. A inclusão será mais eficaz quando houver um esforço conjunto para garantir que as atividades esportivas sejam adaptadas de forma a promover o desenvolvimento dos alunos. No caso do basquetebol, isso implica na adoção de uma prática pedagógica centrada na equidade e na cooperação.

A inclusão nas aulas de Educação Física continua a ser um desafio significativo no contexto escolar, sobretudo em relação à adaptação de estratégias de ensino para atender à diversidade de alunos. De acordo com Silva *et al.* (2022), muitos professores enfrentam dificuldades em adequar as atividades para alunos com deficiência, frequentemente limitando-os a práticas individuais, o que pode restringir a participação em atividades coletivas que promovem a interação e o desenvolvimento social. Por outro lado, embora os professores reconheçam os benefícios da inclusão, eles também relatam frustrações ligadas à falta de capacitação e conhecimento sobre as condições específicas dos alunos com deficiência. Isso reforça a necessidade de formações continuadas e a inclusão de disciplinas sobre educação inclusiva nos currículos dos cursos de formação de professores. Além disso, há uma necessidade urgente de melhorar a acessibilidade física nas escolas e de fornecer materiais didáticos adequados para que todos os alunos possam participar plenamente das atividades (Fiorini; Manzini, 2016).

Chicon (2008), em seu trabalho intitulado "Inclusão e exclusão no contexto da Educação Física escolar", analisa as barreiras que dificultam a inclusão nas aulas de Educação Física, com foco em estudantes que enfrentam diferentes formas de exclusão, sejam físicas, sociais ou cognitivas. Ele discute como essas exclusões estão enraizadas em práticas tradicionais, que privilegiam o desempenho físico e a competição, desconsiderando a diversidade dos corpos e habilidades dos alunos. Também aborda as atitudes dos professores, que muitas vezes não são capacitados para lidar com essas diversidades, reforçando a exclusão de alunos que não atendem aos padrões convencionais. O artigo sugere que a exclusão pode ser mitigada por meio de abordagens pedagógicas mais inclusivas, que valorizem a participação de todos os alunos. Isso inclui a adaptação de atividades, o uso de metodologias que promovam a cooperação em vez da competição e a criação de um ambiente que acolha a diversidade como um fator positivo no processo de ensino-aprendizagem.

Brito e Santos (2013) estudaram a exclusão no contexto das aulas de Educação Física, destacando como práticas pedagógicas tradicionais que priorizam a competição e o desempenho físico tendem a reforçar a exclusão de estudantes que não possuem habilidades atléticas avançadas. Os achados indicam que a exclusão afeta especialmente alunos com deficiências, com menor aptidão física ou aqueles que enfrentam discriminações sociais e culturais, como os estudantes LGBTQIA+. A inclusão pode ser melhorada por meio de metodologias pedagógicas que valorizem a

diversidade, adaptem as atividades físicas às diferentes capacidades dos alunos e promovam a cooperação, o respeito mútuo e a participação equitativa. No entanto, mudar o método não é suficiente. Torna-se fundamental refletir sobre a concepção de sujeito e de sociedade que se almeja, ou seja, qual a visão de educação e de Educação Física que está sendo praticada (Bracht, 2011).

No estudo sobre a formação de professores de Educação Física e a construção de uma prática pedagógica inclusiva, Teixeira (2009) discute a importância da formação docente para promover a inclusão nas aulas de Educação Física, destacando que a formação inicial e continuada dos professores deve abranger não apenas os aspectos técnicos do ensino, mas também a compreensão das diversas necessidades dos alunos, incluindo aqueles com deficiência. A pesquisa revela que muitos professores se sentem despreparados para lidar com a diversidade em sala de aula, o que pode resultar em práticas excludentes. Além disso, a inclusão deve ser um objetivo central nas práticas pedagógicas, enfatizando a necessidade de metodologias que valorizem a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades.

Carvalho *et al.* (2017), em sua investigação sobre o processo de inclusão nas aulas de Educação Física: limites e possibilidades, analisaram as barreiras e oportunidades para a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física. Identificaram que, apesar dos avanços nas políticas educacionais que promovem a inclusão, a realidade nas escolas ainda enfrenta desafios significativos. Entre os principais obstáculos, destacam a falta de formação adequada dos professores, que muitas vezes se sentem despreparados para atender às necessidades específicas de seus alunos. Ressaltam a importância de metodologias adaptativas e de uma abordagem que valorize a diversidade dos alunos, sugerindo que a colaboração entre professores de Educação Física e profissionais de outras áreas, como psicologia e terapia ocupacional, pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e criar um ambiente mais inclusivo.

Há uma necessidade urgente de práticas inclusivas nas aulas de Educação Física, destacando-se que a inclusão deve ser fundamentada em uma abordagem de equidade que respeite a diversidade dos alunos. Embora existam avanços significativos nas discussões, muitos educadores ainda enfrentam dificuldades na implementação de práticas que vão além de adaptações superficiais, limitando a presença de alunos com deficiência a uma mera formalidade (Santos; Silva, 2016;

Lima; Martins, 2017). Além disso, a adoção de estratégias que visam promover uma inclusão genuína, como a formação continuada de professores, a adaptação de atividades e a criação de um ambiente escolar acolhedor, deve ser um processo dinâmico e significativo, permitindo que todos os alunos vivenciem a Educação Física de maneira enriquecedora e participativa (Moraes; Pereira, 2015).

A inclusão nas aulas de Educação Física, especialmente no basquetebol escolar, apresenta um desafio que vai além de adaptar atividades físicas. A inclusão efetiva requer mudanças nas abordagens pedagógicas, visando não só a participação física, mas também a integração social e o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos. No contexto do basquetebol, a adaptação de regras e o uso de métodos cooperativos têm sido apontados como fundamentais para garantir que todos os estudantes, independentemente de suas habilidades, possam contribuir e aprender em igualdade de condições.

Diversos estudos têm explorado o tema da inclusão de alunos com habilidades motoras menos desenvolvidas nas aulas de Educação Física, propondo diferentes abordagens pedagógicas. Chacon e Gonçalves (2014) destacam a importância de adaptar a prática pedagógica, sugerindo que os professores adotem estratégias inclusivas que levem em conta as diversas capacidades dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais equitativo. De maneira semelhante, MacPhail e Halbert (2007) discutem como diferentes abordagens internacionais para a inclusão podem ser aplicadas nas aulas de Educação Física, enfatizando a necessidade de práticas que permitam a participação ativa de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades motoras. Chicon (2005), por sua vez, foca nas estratégias que podem ser adotadas para combater a exclusão de alunos nas aulas de Educação Física, considerando a adaptação do currículo e das metodologias de ensino para promover a inclusão efetiva.

No fascículo *Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos* (González; Bracht, 2005), enfatizam a importância de estratégias pedagógicas que integrem todos os alunos em atividades coletivas, com foco na cooperação em vez de apenas no desempenho individual. Além disso, Guerra (2010) aborda o papel fundamental do professor na implementação de práticas inclusivas, sugerindo adaptações curriculares que favoreçam a participação de alunos com habilidades motoras limitadas. Clemente e Lopes (2016) analisam os desafios enfrentados pelos professores ao tentar incluir alunos com habilidades motoras diversas nas aulas de esportes, sugerindo práticas

pedagógicas que promovam a integração desses alunos no contexto escolar. Mendonça e Oliveira (2013) defendem que a inclusão no ensino de Educação Física exige mudanças significativas nas abordagens pedagógicas, com um foco maior na diversidade dos alunos.

Freitas (2017), por sua vez, enfatiza a necessidade de reestruturação das práticas pedagógicas para garantir a inclusão de todos os alunos, oferecendo sugestões para adaptar as atividades físicas de acordo com as diferentes necessidades dos estudantes. Bittencourt e Oliveira (2019) também discutem a importância das adaptações nas atividades físicas, argumentando que elas são essenciais para a inclusão de alunos com habilidades motoras variadas. Por fim, Nascimento e Silva (2014) ressaltam os desafios da implementação de práticas inclusivas, sugerindo que os professores devem estar preparados para adaptar suas abordagens pedagógicas a fim de garantir que todos os alunos possam participar das atividades de Educação Física de forma igualitária.

Contudo, ao revisar a literatura, verifica-se uma lacuna significativa em estudos que abordem a inclusão especificamente no ensino do basquetebol escolar. Embora a inclusão no esporte escolar seja amplamente discutida, poucos estudos exploram como o basquetebol pode ser ensinado de forma inclusiva, especialmente considerando alunos com deficiências ou necessidades educacionais especiais. Isso indica a necessidade de investigações focadas em estratégias pedagógicas inclusivas que promovam a participação equitativa no basquetebol escolar, contribuindo para um ambiente mais inclusivo.

Os achados do estudo de Moreira *et al.* (2017) sobre a motivação nas aulas de Educação Física revelam que, embora muitos alunos se sintam motivados a participar das aulas, a metodologia adotada pode gerar exclusão, especialmente entre aqueles menos habilidosos ou que não se identificam com as modalidades esportivas tradicionais. Esses alunos frequentemente apresentam menor interesse nas aulas devido à ênfase competitiva e à falta de adaptação das atividades para diferentes habilidades e necessidades. Esse cenário reflete a necessidade de uma abordagem mais inclusiva nas aulas de Educação Física, que promova a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades motoras.

A inclusão nas aulas de Educação Física é particularmente desafiada quando o foco excessivo em esportes tradicionais, como futebol ou basquete, limita as oportunidades para que estudantes com diferentes níveis de aptidão participem de

forma significativa. Conforme observado no estudo, a falta de diálogo e a ausência de adaptação das atividades às necessidades individuais podem levar à desmotivação e exclusão dos alunos menos habilidosos. Dessa forma, é fundamental que os professores busquem diversificar as atividades e adotar metodologias que promovam a cooperação e a integração de todos os estudantes, como sugerido por Moreira *et al.* (2017).

Adicionalmente, o estudo sugere que a infraestrutura inadequada e a ausência de materiais apropriados também contribuem para a exclusão nas aulas de Educação Física. A motivação dos estudantes está intimamente ligada à forma como se sentem incluídos e valorizados nas atividades propostas. Para alcançar uma Educação Física verdadeiramente inclusiva, é necessário que os professores adotem estratégias pedagógicas que considerem a diversidade de habilidades e promovam um ambiente acolhedor, onde todos possam participar ativamente e desenvolver suas competências motoras e sociais.

A análise das lacunas na inclusão nas aulas de Educação Física, especialmente no contexto do ensino do basquetebol, revela a necessidade de uma abordagem mais aprofundada e sistemática. Embora a literatura aponte para a importância de metodologias inclusivas e adaptativas, ainda há uma carência significativa de pesquisas que explorem a aplicação prática dessas abordagens em cenários escolares reais. Além disso, muitos educadores relatam a falta de suporte institucional para implementar as adaptações necessárias, como a ausência de recursos didáticos apropriados e de formação continuada que aborde a diversidade de necessidades dos alunos. Essa situação limita a capacidade dos professores de reconhecer e atender adequadamente às especificidades de seus alunos, perpetuando um ciclo de exclusão. Portanto, é essencial realizar estudos que considerem a inclusão de uma maneira mais holística, abordando as intersecções entre diferentes formas de exclusão e como elas se manifestam nas aulas de Educação Física.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Percurso investigativo**

Neste capítulo, são apresentadas as etapas do desenvolvimento da investigação, delineando os caminhos percorridos para a obtenção dos dados, com base nos objetivos propostos para a pesquisa. Inicialmente, é exposta a abordagem metodológica empregada, seguida pela contextualização da escola onde a pesquisa foi realizada e a identificação dos participantes que colaboraram para o estudo. Na sequência, são descritos os instrumentos e procedimentos utilizados, além de considerações sobre os aspectos éticos que nortearam a pesquisa. Por fim, são esclarecidos tópicos relevantes relacionados à análise e interpretação dos dados coletados.

### **4.2 Universo da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Militar Tiradentes “Dr. Manoel José Murтинho”, vinculada à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT), na qual o professor pesquisador é servidor efetivo.

Localizada no Bairro Novo Diamantino, na cidade de Diamantino/MT, a escola está situada na Rua das Azaleias, nº 306, e faz parte da rede oficial de ensino do Estado de Mato Grosso. Fundada em 6 de dezembro de 1982, por meio do Decreto nº 2147, a escola iniciou suas atividades em 1º de março de 1985, com a oferta das oito séries do Ensino Fundamental. Sua autorização para funcionamento foi concedida em 15 de dezembro de 1987, através da Resolução nº 338/87 para o Ensino Fundamental e das Resoluções nº 333/88 e 334/88 para o Ensino Médio. O reconhecimento oficial ocorreu com a publicação da Resolução nº 3277/92 no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, em 29 de dezembro de 1992.

A Escola Estadual Dr. Manoel José Murтинho, cujo patrono é Manoel José Murтинho, nasceu em Cuiabá no dia 15 de dezembro de 1845, filho de José Antônio Murтинho e Rosa Joaquina Murтинho. Seu pai, José Antônio Murтинho, foi médico e ocupou o cargo de presidente da Província de Mato Grosso durante o período imperial. Com o intuito de resgatar o sistema de disciplina que por muito tempo orientou as escolas públicas do Brasil, a Escola Estadual Dr. Manoel José Murтинho passou, em 2021, a se chamar Escola Estadual Militar Tiradentes Dr. Manoel José

Murtinho, conforme o Decreto nº 1.232 de 29 de dezembro de 2021. A gestão da escola foi compartilhada entre a Secretaria de Estado de Educação e a Secretaria de Estado de Segurança Pública, mantendo o nome do patrono, a fim de preservar a história da instituição no município. Atualmente, a Escola Tiradentes "Murtinho" está situada com nove salas de aula e atende alunos do ensino fundamental e médio, oriundos tanto da zona urbana quanto da zona rural.

### **4.3 Participantes**

Participaram da pesquisa 21 estudantes matriculados no 1º ano do Ensino Médio, todos do período matutino e com idades entre 14 e 16 anos. A seleção dos participantes foi realizada pelo professor pesquisador, em conjunto com a coordenação da escola. Optamos por esse nível de ensino devido à estrutura do Documento de Referência Curricular de Mato Grosso (DRC-MT), que, fundamentado na BNCC, prevê o ensino de esportes coletivos para os estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. O tema da inclusão foi escolhido devido à necessidade de ampliar a participação de todos os alunos nas aulas de Educação Física, especialmente daqueles com menor habilidade esportiva, muitas vezes excluídos das práticas coletivas.

A turma era composta por meninos e meninas, com distintos níveis de experiência no basquetebol, o que reforçou a importância de estratégias pedagógicas que promovem a participação equitativa. Embora não houvesse alunos com deficiência na turma, a proposta buscou garantir um ambiente inclusivo, adaptando atividades para contemplar diferentes níveis de habilidade e incentivar a cooperação entre os estudantes. Para preservar a identidade dos participantes, decidimos, na seção de análise de dados, substituir seus nomes verdadeiros por números, identificando-os de 01 a 21. Essa medida visa garantir a confidencialidade e o respeito à privacidade dos alunos envolvidos na pesquisa.

### **4.4 Matérias e métodos**

Atualmente, os estudos na área de Educação Física concentram-se na busca por estratégias que aprimorem o ensino dessa disciplina no currículo escolar. Diversas pesquisas estão sendo realizadas com o intuito de identificar métodos inovadores e

práticas pedagógicas eficientes, incluindo o uso de recursos tecnológicos que possam fortalecer a aprendizagem e o engajamento dos estudantes.

Para alcançar tais objetivos, optei por adotar uma abordagem de pesquisa qualitativa. Tal escolha se justifica, pois a pesquisa qualitativa busca a compreensão e interpretação dos fenômenos estudados, em contraposição às pesquisas quantitativas. Ela possibilita uma análise mais aprofundada, considerando a complexidade e a subjetividade dos fenômenos sociais (Minayo, 1994).

No mesmo sentido, Minayo (2011, p. 21) complementa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Nesse contexto, Bogdan e Biklen (1994, p. 291) destacam que a pesquisa qualitativa é um método de investigação voltado para a descrição e análise de experiências complexas. Eles enfatizam que, ao adotar a abordagem qualitativa, o foco não está apenas nos resultados, mas também no processo utilizado para compreender o comportamento a partir da perspectiva dos participantes da pesquisa.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 16), isso implica explorar os significados atribuídos pelos participantes, investigando suas experiências e interpretações, além de considerar a complexidade e subjetividade dos fenômenos estudados.

A pesquisa foi conduzida com base nos pressupostos da pesquisa-ação, organizada em três etapas de coleta de dados: questionário inicial, intervenção pedagógica de uma unidade didática e questionário de saída. O foco central foi a proposta de ensino do basquetebol inclusivo no Ensino Médio. Destacamos, ainda, as considerações de Thiollent (2011), que afirma que esse tipo de pesquisa é concebido e realizado em estreita associação com uma ação, a qual, neste estudo, ocorreu no contexto da escola e das aulas de Educação Física.

#### **4.5 Procedimentos para a coleta de dados**

Para a coleta dos dados necessários a este estudo, utilizamos dois questionários abertos: um aplicado no início (diagnóstico) e outro ao final da pesquisa. Ambos foram distribuídos em folhas de papel A4 e preenchidos pessoalmente pelos estudantes na sala de aula. Os participantes dispunham de 50 minutos para responder aos questionários, correspondendo ao tempo de uma aula na escola onde a pesquisa foi realizada. Além disso, mantivemos um diário de campo ao longo de todo o processo, no qual registramos observações relevantes em cada etapa.

O questionário diagnóstico (Apêndice E) foi aplicado 15 dias antes do início da unidade didática sobre basquetebol. Seu objetivo era avaliar a compreensão, as experiências e as expectativas dos estudantes em relação ao conteúdo de basquete dentro da unidade temática de esportes. Antes de responderem, informamos aos alunos que os resultados seriam utilizados para planejar as aulas e as práticas que vivenciaríamos.

Com base nas respostas obtidas, elaboramos um plano de intervenção para o desenvolvimento de uma unidade didática de ensino do basquetebol. Essa unidade foi aplicada ao longo de um bimestre, totalizando 20 horas-aula, divididas em 10 sessões de 1 hora e 40 minutos cada. As sessões foram realizadas de forma sistemática, seguindo a grade horária da escola para as aulas de Educação Física.

Optamos por utilizar questionários abertos como método de coleta de dados, uma vez que permitem aos participantes expressar suas opiniões, pensamentos e experiências livremente, sem restrições impostas por opções pré-definidas. Tal abordagem possibilita uma análise mais aprofundada das respostas, sem a influência de alternativas sugeridas pelo pesquisador. Gil (1999, p. 128) define o questionário como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Segundo Maia (2020), em pesquisas qualitativas, o questionário aberto pode explorar um ou vários temas por meio de um roteiro de perguntas. Ele oferece diferentes graus de liberdade nas respostas, permitindo que sejam mais ou menos espontâneas, conforme a abordagem adotada. A autora destaca a importância de formular o instrumento com uma linguagem clara, para que o participante compreenda facilmente o que está sendo perguntado, sem gerar dúvidas. Além disso, ela ressalta

que a sequência das perguntas deve começar com questões mais simples e familiares, progredindo gradualmente para aquelas que envolvem opiniões pessoais ou exigem reflexão mais profunda.

Além dos questionários, fizemos anotações em um diário de campo. Durante as aulas, registramos observações por meio de fotografias, vídeos e gravações de áudio, que não serviram apenas como complemento, mas como fontes primárias de análise. Esses registros foram utilizados para revisar e aprofundar a interpretação dos dados, permitindo a triangulação das informações coletadas. A análise envolveu a observação das interações entre os alunos, das estratégias pedagógicas aplicadas e das reações dos estudantes, garantindo uma compreensão mais ampla e detalhada do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, as imagens e áudios contribuíram para captar nuances do comportamento e da participação dos alunos que poderiam não ter sido completamente percebidas ou relatadas apenas no diário de campo.

Conforme Zabalza (2007), o uso do diário como recurso de pesquisa é relevante porque permite que quem o escreve — seja professor, aluno ou colaborador — assuma o papel de pesquisador, integrando as funções de ator, narrador e investigador. O diário permite integrar três papéis complementares: o do ator, que participa ou provoca as ações narradas; o do narrador, que relata as ações e se posiciona fora delas; e o do pesquisador, que analisa os fatos com uma mentalidade investigativa, buscando comprovar hipóteses e utilizando um esquema conceitual para ler, avaliar e aprimorar as ações descritas.

Essa prática de manter diários profissionais possibilita uma revisão constante e melhoria das práticas, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento profissional. Ao registrar reflexões e experiências, os profissionais têm a oportunidade de analisar criticamente sua atuação, identificar pontos fortes e áreas que precisam ser aprimoradas, buscando constantemente o aperfeiçoamento de sua prática (Zabalza, 2007).

Esses instrumentos nos auxiliaram a identificar as dificuldades e potencialidades encontradas ao longo do processo de ensino do basquete. Com base nessas informações, pudemos realizar uma análise abrangente e fundamentada sobre a experiência dos estudantes.

#### **4.6 Procedimentos para análise de dados**

Nesta etapa da pesquisa, organizamos todo o material coletado a partir das respostas dos participantes nos questionários e das anotações no diário de campo. Começamos a relacionar esses dados, identificando tendências e padrões relevantes. O pesquisador leu atentamente os dados, buscando repetições de palavras ou frases, ideias comuns ou padrões de comportamento dos participantes que estivessem relacionados aos objetivos do estudo, para então codificá-los. Esse processo envolveu transcrever, analisar e interpretar os dados coletados.

Para a análise dos dados, seguimos as orientações metodológicas propostas por Bogdan e Biklen (1994), que fornecem um roteiro sistemático para o tratamento de informações qualitativas. Inicialmente, realizamos uma leitura detalhada e minuciosa de todo o material coletado, com o objetivo de compreender o conteúdo em profundidade e identificar elementos recorrentes, como palavras, expressões, frases e ideias que apresentassem relevância em relação aos objetivos da pesquisa. Esse processo preliminar de imersão nos dados nos permitiu construir uma visão geral do material e apontar possíveis aspectos significativos.

Posteriormente, iniciamos a etapa de codificação, que consistiu em agrupar os elementos similares ou relacionados, criando categorias temáticas organizadas de acordo com os padrões e conexões observados. Durante essa fase, buscamos não apenas classificar os dados, mas também interpretá-los à luz do referencial teórico adotado, assegurando que a análise fosse conduzida de forma criteriosa e alinhada aos propósitos do estudo. Esse procedimento foi essencial para organizar as informações de maneira lógica e acessível, facilitando a identificação de padrões, relações e insights relevantes que pudessem contribuir significativamente para a compreensão do fenômeno investigado.

#### **4.7 Aspectos éticos**

Conduzimos nossa pesquisa seguindo rigorosamente os princípios éticos estabelecidos pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Essas resoluções fornecem diretrizes e normas para pesquisas envolvendo seres humanos, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais, onde os métodos utilizam dados obtidos diretamente dos participantes (Brasil, 2012; Brasil, 2016).

Inicialmente, encaminhamos uma Carta de Anuência ao Diretor Regional da DRE Diamantino, representando a SEDUC-MT (Apêndice A). Em seguida, entregamos à gestão da escola a Carta de Apresentação do Projeto (Apêndice B). Todos os estudantes que participaram do estudo receberam o Assentimento Livre e Esclarecido (ALE) (Apêndice C), e seus pais ou responsáveis foram informados por meio do Consentimento Livre e Esclarecido (CLE) (Apêndice D).

Durante toda a pesquisa, garantimos aos estudantes a liberdade de participação, permitindo que desistissem do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Asseguramos o respeito à integridade dos participantes, bem como a preservação dos dados, mantendo sigilo, privacidade e confidencialidade. Caso alguma imagem dos participantes tenha sido utilizada, aplicamos recursos de edição gráfica para proteger sua identidade.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso e cadastrada na Plataforma Brasil sob o número 74389123.3.0000.5690, recebendo o parecer de aprovação número 6.492.415, datado de 30 de outubro de 2023.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como educadores e pesquisadores, acreditamos que o conjunto de teorias e métodos apresentados deve oferecer orientações claras sobre como conduzir uma pesquisa científica, especialmente em uma abordagem qualitativa, que se desenvolve em um movimento contínuo de fases interligadas. Embora essas fases se conectem em uma dinâmica de idas e vindas, cada uma mantém suas características e objetivos específicos.

Segundo Minayo (1998), uma pesquisa se desenvolve em três etapas principais: a) Fase exploratória: aprofundamos o objeto de estudo e delimitamos o problema de pesquisa. b) Fase de coleta de dados: obtêm-se as informações relevantes para responder ao problema proposto. c) Fase de análise de dados: os dados são tratados por meio de inferências e interpretações.

Nesta pesquisa específica, nosso objeto de estudo surgiu da experiência do professor pesquisador ao implementar o basquetebol nas aulas de Educação Física de uma turma do 1º ano do Ensino Médio. Percebemos que os professores de Educação Física frequentemente manifestavam dúvidas sobre a construção dos saberes escolares, questionando a presença de conhecimentos sistematizados nas aulas. Isso nos levou a indagar se os saberes escolares são constituídos da mesma forma em todas as disciplinas do currículo, delimitando, assim, nosso problema de investigação com foco no uso do basquete nas aulas.

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados por meio de questionários aplicados aos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Além de buscar responder ao nosso problema de pesquisa, também objetivamos investigar as expectativas, preferências e percepções dos alunos sobre a Educação Física em geral e sobre o basquetebol em particular, antes e após a intervenção de ensino dessa modalidade esportiva. Optamos por uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo como metodologia principal para examinar as respostas dos questionários iniciais e finais. Essa escolha se justifica pela natureza qualitativa da pesquisa e pelo número reduzido de participantes — menos de trinta alunos — o que exigiu uma reflexão cuidadosa em seu planejamento para alcançar uma unidade analítica adequada ao fenômeno investigado. Compreendemos que um conflito percebido na experiência prática, inclusive pessoal, pode se transformar em um

problema de pesquisa, mas não deve ser confundido com ele; é necessário que amadureça e seja delimitado adequadamente.

Definimos, então, o campo de pesquisa e os participantes com critérios coerentes com o objeto e o problema investigado. Após a coleta de dados, realizamos um tratamento que incluiu desde a organização física das informações até suas interpretações. Embora, no início da pesquisa, tivéssemos projeções sobre as análises, ao longo do processo retornamos repetidamente ao objeto e ao problema de pesquisa. No final, revisitamos o contexto e as questões iniciais para realizar as análises.

A coleta de dados foi realizada em três etapas distintas:

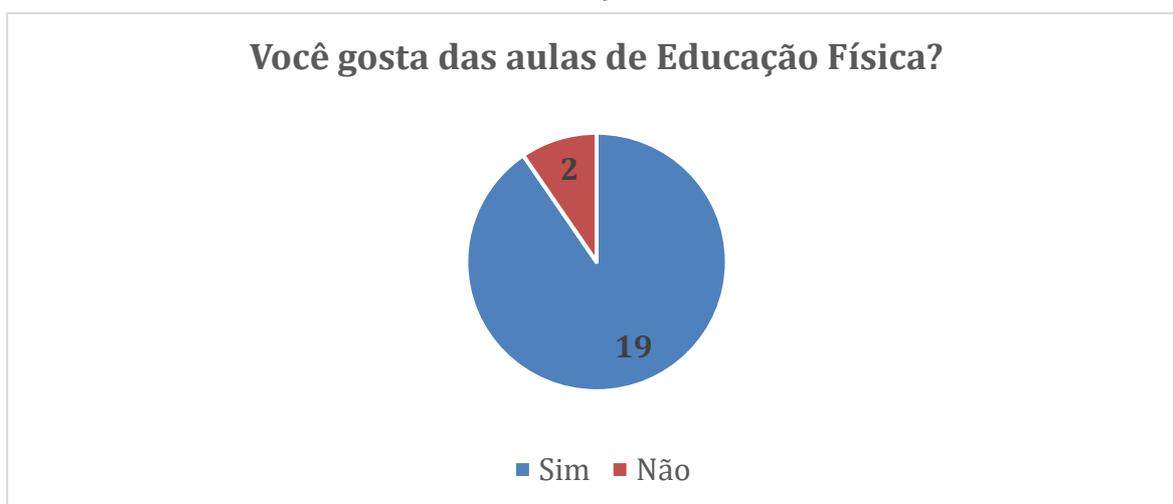
1. **Questionário de Entrada:** Aplicado antes do início das aulas de basquetebol, com o objetivo de captar as expectativas dos alunos em relação às aulas de Educação Física, seus interesses e conhecimentos prévios sobre o basquete.
2. **Elaboração e execução da unidade didática:** Desenvolvemos e implementamos uma sequência de aulas sobre basquetebol, registrando todo o processo em um diário de campo.
3. **Questionário de Saída:** Aplicado após o período de ensino do basquetebol, com o intuito de avaliar as mudanças nas percepções, interesses e conhecimentos dos alunos sobre a modalidade.

Optamos pela análise de conteúdo como metodologia para interpretar os dados coletados. Esse método permite uma análise sistemática e objetiva das mensagens contidas nas respostas dos questionários, sendo especialmente adequado para pesquisas qualitativas com um número limitado de participantes. Baseando-nos em Bardin (1988) e Minayo (1998), organizamos as etapas da análise de conteúdo, compreendendo que elas não são rígidas ou lineares, mas servem como um roteiro flexível para o tratamento dos dados. O pesquisador deve estar ciente de que esse processo pode envolver entrelaçamentos, idas e vindas, conforme necessário para aprofundar a compreensão do fenômeno estudado.

A apresentação dos dados será descrita conforme as etapas de coleta de dados. Inicialmente, serão exibidas as informações do questionário de entrada, o qual buscou identificar a visão abrangente sobre as percepções e preferências dos estudantes em relação às aulas de Educação Física, analisando especificamente a

satisfação com as aulas, os interesses dos alunos em aprender diferentes práticas corporais, a prática esportiva dos estudantes fora do ambiente escolar e o conhecimento prévio dos alunos em relação ao basquetebol. Juntas, essas informações oferecem uma base sólida para compreender a visão inicial das dinâmicas e motivações dos estudantes no contexto da Educação Física escolar.

**Gráfico 1** - Interesse nas aulas de Educação Física.



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Ao analisarmos o Gráfico 1, percebemos que a ampla maioria dos educandos gosta de participar das aulas de Educação Física. Entre as justificativas que mais apareceram, destacam-se: as aulas são divertidas, oferecem uma oportunidade de aprender novos e diferentes jogos e esportes, e a prática de exercício físico faz bem.

A seguir, apresentamos alguns relatos:

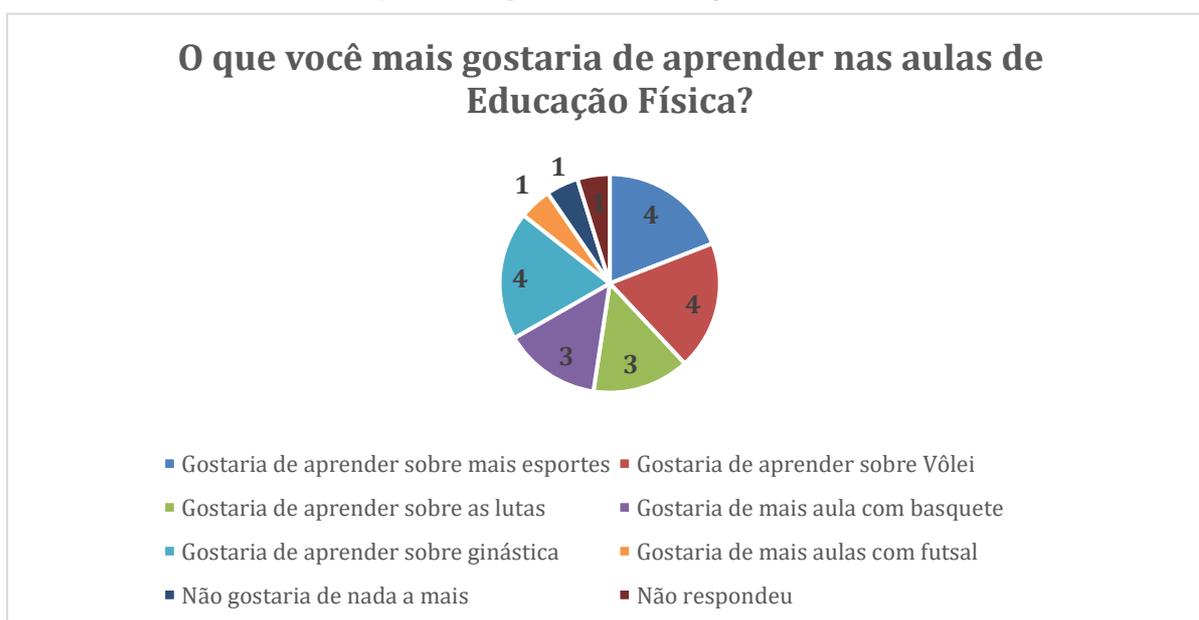
- “Sim, gosto de participar porque me divirto (aluno 01)”
- “Sim, porque eu gosto de esporte (aluno 05)”
- “Sim, porque exercitar é bom (aluno 07)”
- “Sim, por causa dos jogos (aluno 12)”

Os dois estudantes que mencionaram não gostar de participar das aulas de Educação Física justificaram suas respostas da seguinte forma: "Tenho medo de ser julgado pelos outros colegas" (aluno 18) e "Vai depender do que o professor for trabalhar na aula" (aluno 21).

Ao analisar as respostas dos estudantes sobre as aulas de Educação Física, observou-se uma diversidade de motivações e interesses, os quais refletem a

importância dessa disciplina dentro do contexto escolar. Dentre os estudantes entrevistados, dezenove (19) afirmaram gostar das aulas de Educação Física, principalmente para aprender esportes e outras atividades. No entanto, os dois (2) alunos que indicaram não gostar da disciplina mencionaram o receio de julgamentos pelos colegas e a dependência do conteúdo trabalhado pelo professor nas aulas.

**Gráfico 2** - Interesse de aprendizagem na Educação Física.



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

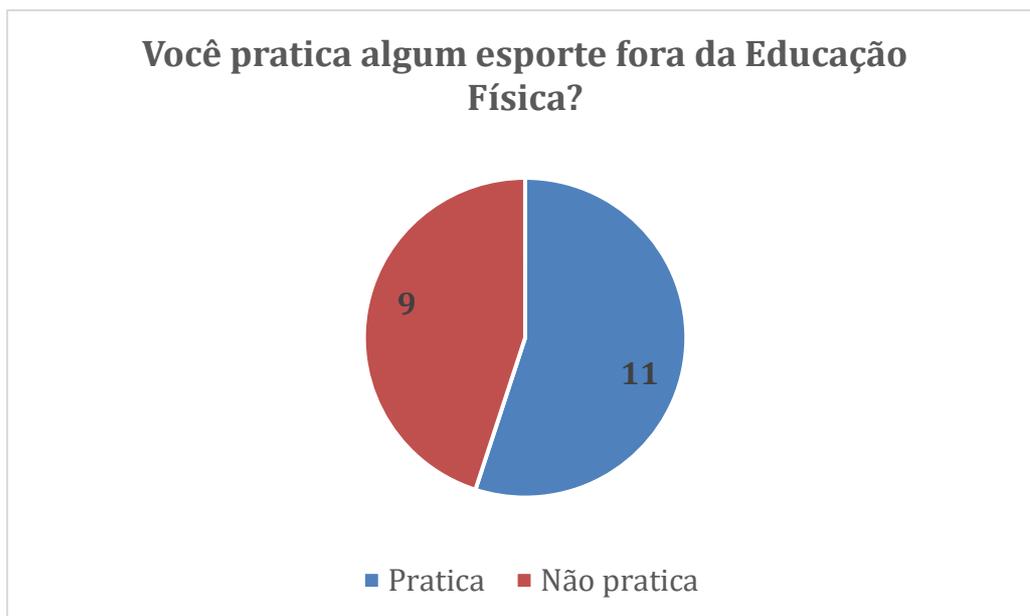
O Gráfico 2 revela que os estudantes valorizam significativamente a prática esportiva nas aulas de Educação Física, demonstrando um grande apreço por essa modalidade. Além disso, práticas corporais alternativas, como lutas e ginástica, também foram frequentemente mencionadas, destacando a consciência dos alunos sobre a importância de diversificar as atividades físicas e o desejo de explorar novos conteúdos durante as aulas. Os relatos dos alunos reforçam esse interesse: "Lutas, mais especificamente Muay Thai" (aluno 05), "Alguma arte marcial" (aluno 06), "Ginástica e esgrima" (aluno 17), "Saber mais sobre o vôlei, eu gosto muito desse esporte" (aluno 18) e "Gostaria de aprender as danças e lutas" (aluno 20).

Os dados apresentados no Gráfico 2 corroboram com a literatura que enfatiza a relevância da diversificação das atividades físicas no contexto da Educação Física escolar. O estudo de Nunes, Perfeito e Chame (2016), intitulado *A Importância da*

*Pluralidade por Meio da Diversificação de Conteúdos na Educação Física Escolar*, destaca a predominância do esporte como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física, argumentando que essa ênfase pode limitar a formação integral dos alunos. Os autores defendem a diversificação dos conteúdos, incluindo práticas como danças, lutas e ginásticas, para enriquecer o repertório motor dos estudantes e promover um estilo de vida saudável. Eles ressaltam que a pluralidade nas atividades contribui para o desenvolvimento de diferentes habilidades motoras e para a adoção de hábitos saudáveis, alinhando-se à perspectiva de que a Educação Física deve abranger diversas manifestações da cultura corporal.

A diversidade nas práticas corporais não apenas enriquece o repertório motor dos estudantes, mas também contribui para a formação de hábitos saudáveis e para a promoção de um estilo de vida ativo. Nesse contexto, a atuação do professor de Educação Física torna-se fundamental, uma vez que é responsável por planejar e implementar práticas pedagógicas diversificadas que contemplem a pluralidade da cultura corporal. O fato de os alunos expressarem interesse por modalidades como lutas, ginástica e esportes coletivos, como o vôlei, revela uma disposição para a aprendizagem e a exploração de diferentes formas de expressão corporal.

Portanto, os relatos dos alunos indicam uma compreensão clara da importância de diversificar as práticas corporais no contexto escolar. Essa diversidade não apenas enriquece a experiência educativa, mas também desempenha um papel crucial na formação de cidadãos saudáveis e conscientes de suas potencialidades, conforme enfatizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Física (Brasil, 2011).

**Gráfico 3** - Prática esportiva fora da escola.

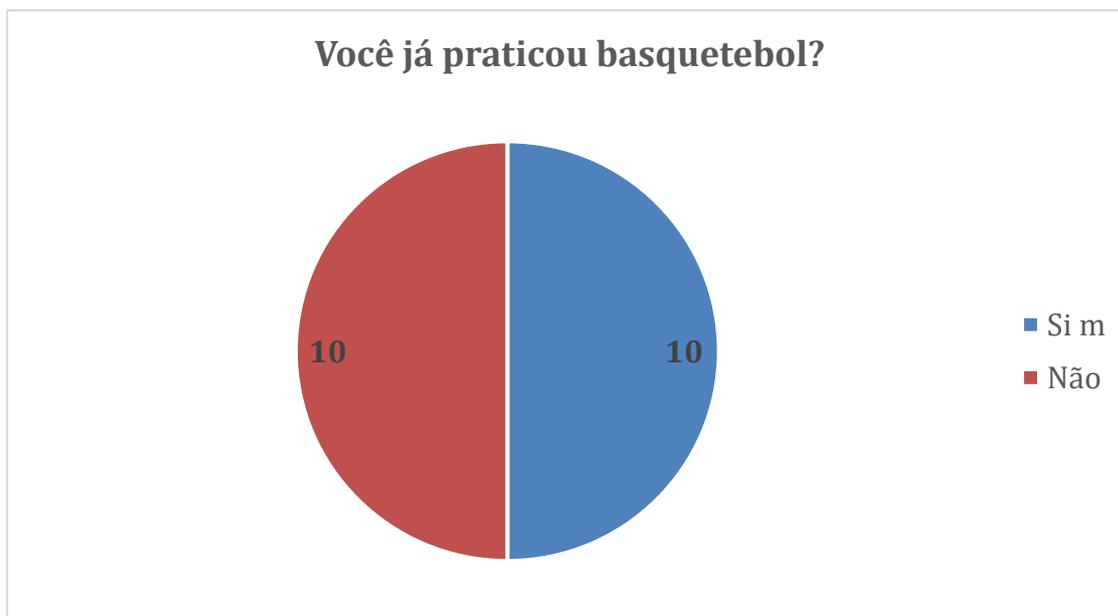
**Fonte:** Elaborado pelo autor.

No terceiro gráfico, a pesquisa abordou a prática esportiva dos educandos fora do ambiente das aulas de Educação Física. Os resultados revelaram um equilíbrio nas respostas, com pouco mais da metade dos estudantes afirmando que praticam algum esporte fora das aulas, enquanto a outra metade informou não se dedicar a nenhuma atividade esportiva adicional.

Os relatos dos estudantes refletem essa diversidade de interesses. O aluno 05, por exemplo, mencionou que pratica Muay Thai, enquanto o aluno 06 destacou sua dedicação à natação e ao futsal. O aluno 07 afirmou: "Sim, futebol e basquete", demonstrando seu envolvimento com esportes coletivos. Por sua vez, o aluno 09 declarou que frequenta a academia para a prática de atividades físicas.

Ao analisar as respostas, ficou evidente que os estudantes possuem diferentes gostos e estilos de prática esportiva. Essa variação nas preferências pode contribuir para um entendimento mais abrangente sobre a importância da Educação Física, sugerindo que a diversidade de modalidades esportivas pode ser um fator motivador para o engajamento dos alunos nas aulas.

**Gráfico 4** – Prática do basquetebol.

**Gráfico 4** - Prática do basquetebol.

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Os resultados do gráfico sobre o conhecimento prévio dos estudantes sobre a modalidade de basquete mostram uma divisão equilibrada entre os alunos que possuem e os que não possuem familiaridade com o esporte. A presença igual de estudantes nas categorias "Sim" e "Não", com cada grupo contando com 10 alunos, sugere que o basquete pode não ser amplamente ensinado ou promovido nas aulas de Educação Física. Esse equilíbrio indica uma oportunidade de introdução de conteúdos que visem não apenas ampliar o conhecimento esportivo dos alunos, mas também incentivar a participação e o engajamento em atividades que possam ser novas para um número considerável de estudantes.

### **Construção e desenvolvimento da unidade didática do Basquete**

Nesta unidade didática, buscou-se seguir o planejamento previsto, que foi estruturado com base na aplicação de 10 planos de aula. Cada plano detalhava os objetivos e conteúdos abordados ao longo das 20 sessões de aula, com duas sessões dedicadas a cada plano. A seguir, apresentaremos um relato detalhado das experiências vivenciadas durante o desenvolvimento das aulas. Abordaremos as

ações e decisões pedagógicas tomadas, destacando como cada escolha influenciou o andamento das atividades e o engajamento dos estudantes.

A unidade didática foi organizada de forma a alternar o foco no aprendizado da modalidade de basquete, com atividades fundamentadas no modelo de ensino proposto. Os saberes teórico-práticos foram abordados por meio de um planejamento específico para cada um desses aspectos, que foram intercalados e desenvolvidos de maneira integrada. Dessa forma, o cronograma de execução da unidade didática foi organizado da seguinte maneira:



3º e 4º	5ª  8ª	Discutir as regras básicas da modalidade basquete. Explicar e realizar manejos e fundamentos dos jogos e esportes para desenvolver ações coletivas de progressão ao alvo e finalização em diversas situações de jogo.	Vivência e prática das habilidades técnicas e táticas: progressão em direção ao alvo com arremessos em diversas situações, jogadas individuais e coletivas, jogos 5x5 e 2x2.	Discussão sobre as regras e funções das posições dos jogadores (armador, ala, pivô). Análise dos elementos técnicos e táticos necessários para a progressão ao cesto.	Trabalho em equipe para realização das tarefas. Discussão sobre os valores sociais presentes nas práticas esportivas (pertencimento a um grupo, situações de inclusão).
---------	--------------	---	--	---	---

<b>ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA UNIDADE DIDÁTICA DO BASQUETE</b>					
<b>ENCONTRO</b>	<b>AULAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>PROCEDIMENTAL</b>	<b>CONCEITUAL</b>	<b>ATITUDINAL</b>
5º	9ª  10ª	Explicar e realizar jogos e esportes, aplicando estratégias ofensivas e defensivas que envolvem deslocamento, movimentação e arremesso da bola. Discutir conceitos de ataque e defesa e as principais habilidades e desafios. Revisar as regras básicas da modalidade.	Vivência e prática das habilidades técnicas e táticas: estratégias ofensivas (deslocamento, movimentação sem e com bola, busca pelo companheiro livre) e defensivas (marcação individual e sistema 2-1-2).	Análise dos elementos táticos de defesa (2-1-2 ou 3-2) e de ataque; formas de avançar com a bola e impedir o avanço adversário.	Trabalho em equipe para realização das tarefas. Discussão sobre os valores sociais presentes nas práticas esportivas.
6º	11ª	Explicar e realizar jogos simultâneos em quatro tabelas diferentes. Apresentar estratégias	Vivência e prática das habilidades técnicas e táticas: deslocamento e movimentação com e sem	Análise e discussão dos elementos táticos de ataque e defesa; progressão ao alvo e	Trabalho em equipe para realização das tarefas. Avaliação do comportamento.



		defesa e as regras básicas da modalidade.	jogos recreativos Reloginho e 21.		
9º	17ª  18ª	Discutir e preparar o basquete em cadeira de rodas. Apresentar a história, as regras e características dessa modalidade. Discutir conceitos de movimentos para ataque e defesa e as principais habilidades e desafios.	Vivência e prática das habilidades táticas do basquete em cadeira de rodas: deslocamento com e sem bola, marcação do adversário e apoio ao companheiro. Realização de jogo.	Discussão e análise da experiência de jogar basquete em cadeira de rodas.	Trabalho em equipe para realização das tarefas. Avaliação do comportamento. Discussão sobre a experiência de jogar em cadeira de rodas.
10º	19ª  20ª	Organizar e realizar jogos 2x2, 3x3 e 5x5 com equipes mistas. Encerrar as aulas agradecendo a participação dos alunos no projeto de dissertação.	Vivência e prática dos jogos 2x2, 3x3 e 5x5 com equipes mistas. Identificação das vantagens e desvantagens de cada formato.	Análise e discussão dos jogos finais com equipes mistas.	Avaliação do processo de ensino-aprendizagem da modalidade basquete ao longo dos encontros.

## Descrição das aulas: diário de campo

### Aula 01:

No primeiro encontro, apresentei o projeto intitulado “Proposta de Ensino do Basquetebol Inclusivo no Ensino Médio” e expliquei sua finalidade. Realizamos um estudo sobre a história do basquete, aprofundando-nos em suas origens e desenvolvimento. Este esporte, que atualmente é uma paixão mundial, teve um início modesto no final do século XIX. James Naismith, seu criador, certamente não poderia prever o enorme sucesso que o basquete alcançaria. Seu momento de consagração ocorreu quando foi introduzido nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, ocasião em que Naismith deu início ao primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas (Carneiro, 2007).

Também foram trabalhados, de forma teórica, os fundamentos do basquetebol. De acordo com Maes (2014), os fundamentos representam a base essencial para que o aprendiz possa praticar o jogo. Discutimos o drible, uma habilidade indispensável que permite aos jogadores movimentarem-se com a bola enquanto a controlam; o arremesso, que exige precisão e consistência; o passe, que envolve a movimentação da bola entre os colegas de equipe; e o rebote, que determina a posse da bola após um arremesso malsucedido.

Os estudantes fizeram relatos sobre suas experiências:

“Quais os tipos de passe podemos utilizar no jogo?” (aluno 06)

“Como vou conseguir correr driblar com a bola e passar?” (aluno 02)

“Uma pessoa sem experiência consegue aprender basquete em apenas 10 encontros” (aluno 11)

Os resultados observados ao final da aula evidenciam um engajamento significativo e um crescente interesse dos alunos pela prática do basquete. Contudo, também foram identificadas preocupações relacionadas à complexidade do esporte. As questões levantadas durante o momento de discussão refletem a percepção dos estudantes acerca das exigências técnicas e físicas inerentes à modalidade.

“Quais os tipos de passe podemos utilizar no jogo?” (aluno 06)

“Como vou conseguir correr driblar com a bola e passar?” (aluno 02)

Os relatos evidenciam que os estudantes não apenas demonstram curiosidade, mas também estão conscientes das habilidades técnicas necessárias para praticar o basquete de maneira eficaz. A indagação do aluno 11, que questionou se uma pessoa sem experiência seria capaz de aprender basquete em apenas 10 encontros, reflete a ansiedade natural associada ao processo de aprendizado de uma nova modalidade esportiva. Essa preocupação pode estar ligada à pressão percebida por muitos alunos ao enfrentarem atividades físicas que demandam coordenação, agilidade e compreensão tática do jogo. Contudo, também revela um desejo de superação e um reconhecimento da relevância do aprendizado em um ambiente de apoio.

Os resultados desta aula indicam que, apesar das inseguranças e dos desafios apresentados pela modalidade, o interesse e a disposição dos alunos para aprender são fatores promissores. Esse contexto ressalta a importância de um planejamento pedagógico cuidadoso, que leve em consideração as diferentes habilidades e motivações dos estudantes. Uma abordagem que permita a todos se beneficiarem da prática esportiva pode contribuir para o desenvolvimento de um relacionamento positivo com o basquete.

Além disso, ao promover um ambiente que valoriza a curiosidade e a experimentação, é possível não apenas ensinar competências técnicas, mas também fomentar valores como trabalho em equipe, perseverança e resiliência. Propostas como desafios progressivos — por exemplo, jogos adaptados que incentivem a cooperação para realizar passes ou estratégias coletivas para superar a defesa adversária — ajudam os alunos a vivenciarem, na prática, a importância da comunicação e do apoio mútuo.

**Figura 1** - Prática inclusiva de Basquetebol aula inicial



**Fonte:** Acervo do autor, 2024.

### **Aula 02:**

No segundo encontro, iniciamos o trabalho prático com o primeiro contato dos alunos com a bola de basquete. Foram realizados exercícios de manejo corporal e manejo com a bola, além de práticas que exploraram as capacidades técnicas do basquetebol. Explicamos e discutimos os conceitos e as regras básicas da modalidade, destacando que, desde sua criação em 1891, as regras do basquete têm sido constantemente debatidas e adaptadas. Essas mudanças estão relacionadas a fatores diversos, como o interesse em aumentar a imprevisibilidade dos resultados e das disputas, bem como a necessidade de adequar os tempos e espaços dos esportes às exigências da programação midiática (Rodrigues, 2013).

Os resultados desse encontro foram amplamente positivos, evidenciando uma experiência enriquecedora para os alunos, especialmente para aqueles sem familiaridade prévia com o basquete. O contato direto com a quadra e a bola criou um ambiente prático que permitiu não apenas a compreensão das regras do esporte, mas também o engajamento ativo na sua prática. Essa abordagem prática é essencial no ensino de esportes, uma vez que a aprendizagem motora e a familiarização com os equipamentos são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades necessárias.

As reflexões dos alunos após a aula revelaram uma mudança em suas percepções iniciais sobre a dificuldade do esporte, um preconceito comum entre iniciantes. Por exemplo, o aluno 15 expressou que, antes da aula, acreditava ser impossível

manusear a bola de basquete devido ao seu tamanho, enquanto o aluno 16 relatou não se imaginar aprendendo a jogar, considerando o basquete um esporte complicado. Esses relatos evidenciam as barreiras mentais frequentemente enfrentadas ao experimentar uma nova modalidade esportiva e reforçam a necessidade de um ensino que desmistifique essas crenças.

A fala do aluno 18, que mencionou sua preocupação sobre a dificuldade de controlar e driblar a bola, destaca uma insegurança recorrente entre iniciantes, relacionada às habilidades motoras exigidas. Essa insegurança pode, em muitos casos, limitar a participação em atividades físicas, mas a vivência prática e a orientação pedagógica apropriada desempenham um papel crucial na superação dessas barreiras. O fato de os alunos se sentirem à vontade para compartilhar suas experiências e preocupações indica que a aula proporcionou um ambiente seguro e acolhedor, no qual puderam expressar livremente suas inseguranças e, ao mesmo tempo, superar alguns de seus medos iniciais.

**Figura 2** - Prática inclusiva de Basquetebol, manejo do basquete e roda de conversa.



**Fonte:** Acervo do autor, 2024.

A aula de prática inclusiva de basquetebol, centrada no manejo da bola e na roda de conversa, refletiu um enfoque pedagógico que privilegiou a participação de todos os alunos, independentemente de seus níveis de habilidade. Diferentemente de abordagens tradicionais focadas exclusivamente na repetição de fundamentos, a estrutura da aula integrou atividades adaptadas às diferentes capacidades dos estudantes. Um exemplo disso foi o uso de jogos reduzidos e desafios em dupla, nos quais os alunos exploraram variadas formas de passe e deslocamento antes de alcançar o arremesso. Essas estratégias permitiram que todos interagissem em um contexto de jogo real, favorecendo a tomada de decisão e a compreensão tática. Nesse sentido, Folle, Nascimento e Graça (2015) destacam o desenvolvimento esportivo como um processo contínuo que combina prática e reflexão.

A roda de conversa, realizada ao final da aula, possibilitou a troca de percepções entre os alunos, incentivando reflexões sobre a importância do jogo coletivo e do respeito às diferenças—elementos essenciais para uma prática verdadeiramente inclusiva. Os princípios operacionais dos Jogos Esportivos Coletivos, conforme apresentado por Bayer (1986), ofereceram um arcabouço teórico sólido que foi incorporado desde as etapas iniciais da formação esportiva. Ao enfatizar esses princípios — como manter a posse de bola e atacar o alvo — a aula de basquetebol ajudou os alunos a compreenderem a lógica interna do esporte e a dinâmica do jogo, contribuindo para a aplicação prática dos conceitos táticos discutidos em aula.

A relação entre teoria e prática foi particularmente evidente no momento da roda de conversa, em que os alunos discutiram como aplicar os princípios abordados durante os exercícios. Esse processo reflete um modelo pedagógico baseado na tomada de decisão e no ensino de esportes para além do enfoque competitivo, promovendo a cooperação e a análise coletiva do desempenho. De acordo com Scaglia e Reverdito (2013), essa abordagem favorece a autonomia dos alunos, permitindo que compreendam e ajustem suas ações às demandas do jogo. Dessa forma, a aula não apenas incentivou a prática inclusiva, mas também fortaleceu a capacidade dos estudantes de tomar decisões conscientes, colaborativas e taticamente embasadas. Os elementos da aula que favoreceram a tomada de decisão incluíram a utilização de situações-problema e atividades contextualizadas, que simulavam cenários reais de jogo. Foram aplicados jogos reduzidos nos quais os alunos precisavam tomar decisões rápidas sobre passes, posicionamento e finalizações, estimulando a leitura do jogo e a adaptação às movimentações dos colegas. Brincadeiras como o “3 contra

3 com restrições” — em que os jogadores só podiam arremessar após completar um determinado número de passes — estimularam a cooperação e a percepção tática. Outra atividade proposta foi o “desafio da superioridade numérica”, no qual pequenos grupos alternavam entre atacar e defender em situações de 3x2 ou 4x3, exigindo raciocínio rápido e ajustes estratégicos. Essas práticas promoveram o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, permitindo que os alunos experimentassem diferentes estratégias e refletissem sobre suas escolhas.

Nesse contexto, Garganta (1998) argumenta que a prática esportiva deve transcender a mera repetição de movimentos, promovendo a análise crítica e a adaptação a variados contextos. Ao integrar teoria, prática e reflexão, a aula alcançou um equilíbrio entre o desenvolvimento técnico e tático, proporcionando um ambiente de aprendizado inclusivo e eficaz. A roda de conversa ao final também desempenhou um papel crucial na consolidação dos aprendizados, permitindo que os próprios alunos discutissem os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas, reforçando a importância da tomada de decisão e do trabalho coletivo no jogo.

### **Aula 03:**

No terceiro encontro, os alunos, em conjunto com o zelador da escola, participaram ativamente da construção de duas tabelas de basquete, utilizando materiais como madeira compensada, tinta apropriada e perfis de alumínio, obtidos por meio de doações de lojas locais e de recursos disponíveis na escola. A inclusão dessa prática revelou uma intenção pedagógica abrangente, promovendo o desenvolvimento de habilidades práticas e criativas associadas à aplicação de conceitos teóricos de física, como medidas e ângulos. Essa atividade, embora não prevista no planejamento inicial, demonstrou como ajustes podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, fortalecendo competências como comunicação, colaboração e resolução de problemas em equipe (Freire, 1996).

Além disso, a participação ativa dos alunos na construção do espaço de jogo gerou um senso de pertencimento e responsabilidade, estimulando a criatividade e a iniciativa ao permitir que eles sugerissem designs e melhorias. Essa abordagem facilitou não apenas a compreensão prática das regras e dimensões do jogo, mas também criou um ambiente engajador e inclusivo para a prática do basquetebol. Conforme argumenta Scaglia (2011), integrar elementos do cotidiano e permitir que os estudantes participem ativamente do processo de criação e execução das

atividades reforça a autonomia e o protagonismo dos aprendizes, aspectos essenciais para uma formação mais ampla e significativa.

Portanto, mesmo que não tenha sido planejada previamente, a atividade revelou-se uma estratégia enriquecedora, integrando aprendizado esportivo, cidadania e responsabilidade social. Ao envolver os alunos em decisões práticas e criativas, a experiência evidenciou a importância de flexibilizar o planejamento para incorporar elementos que respondam às dinâmicas e necessidades da turma. Essa perspectiva pedagógica, alinhada a uma abordagem mais inclusiva e participativa, destaca-se como um modelo que promove não apenas o aprendizado técnico, mas também a formação de cidadãos mais conscientes e colaborativos (Kirk, 2010).

**Figura 3** - Prática inclusiva de Basquetebol construção e fixação da tabela de basquete



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Após a introdução sobre a importância dos fundamentos do basquetebol, os alunos foram organizados em pequenos grupos para a aplicação prática das competências da modalidade. Entre os aspectos abordados, destacou-se o manejo, considerado essencial para o basquetebol em todas as fases do jogo. Conforme Maes (2014), o manejo é uma habilidade fundamental tanto na fase de iniciação quanto na fase técnica de alto rendimento, sendo indispensável para a locomoção e o posicionamento durante a partida. Posteriormente, foram trabalhados fundamentos técnicos, como o manejo de bola, com ênfase em dribles básicos, passes (como o passe de peito e o passe por cima do ombro) e arremessos de curta distância.

Os alunos tiveram a oportunidade de praticar esses fundamentos por meio de exercícios simples e progressivos, com foco na técnica. Contudo, foram observadas algumas dificuldades, como o controle de bola durante o drible, a precisão nos passes

e a força no arremesso. Para atender às necessidades individuais dos estudantes, a abordagem pedagógica adotada priorizou adaptações e estratégias diferenciadas sempre que necessário.

Entre as principais dificuldades relatadas estavam a coordenação motora para realizar o drible em movimento, a insuficiência de força para arremessar a bola em direção ao aro e a precisão nos passes. Para superar esses desafios, foram implementadas diversas adaptações. No drible, para os alunos com menor controle de bola, foram sugeridos exercícios com menor exigência de deslocamento e a utilização de bolas de menor diâmetro, facilitando a aderência e o manejo. Além disso, o ritmo dos exercícios foi ajustado, permitindo que cada aluno progredisse no seu próprio tempo. Nos passes, as atividades foram ajustadas para aqueles que apresentaram dificuldades de força e direção, reduzindo a distância entre os participantes e utilizando bolas mais leves, possibilitando a execução correta antes de aumentar a complexidade. Nos arremessos, alunos que não conseguiam atingir o aro com consistência receberam orientações sobre a mecânica do movimento, incluindo o uso do impulso das pernas. Também foram introduzidos alvos alternativos, como cestas mais baixas, para que todos pudessem vivenciar o sucesso antes de progredirem para o alvo oficial.

A inclusão foi um pilar central durante a prática, assegurando que todos os alunos, independentemente de suas habilidades prévias no basquetebol, tivessem a oportunidade de participar ativamente das atividades. A organização em pequenos grupos permitiu um ensino mais personalizado, adaptado às necessidades e capacidades de cada estudante. Aqueles com maiores dificuldades nos fundamentos técnicos, como o manejo de bola ou os passes, receberam atenção adicional e exercícios com menor complexidade, conforme apresentado no programa de ensino. Essa abordagem inclusiva, segundo Scaglia (2011), favorece um ambiente de aprendizado equitativo, no qual as diferenças são respeitadas e valorizadas como parte integral do processo. Ademais, o trabalho em grupo promoveu a cooperação entre os alunos, possibilitando que aqueles com maior habilidade ajudassem os colegas, reforçando o senso de comunidade e solidariedade.

A motivação foi um aspecto central ao longo da aula, mas apresentou desafios específicos devido ao contexto escolar. Sendo uma escola militar, a dinâmica das aulas segue um padrão mais rígido, com maior controle sobre a disciplina e a execução das atividades. Embora esse modelo proporcione um ambiente mais

organizado, ele pode também limitar o prazer espontâneo que muitas vezes está associado à prática esportiva

O constante encorajamento do professor, aliado à introdução de desafios progressivos, manteve os alunos engajados em períodos variados. Contudo, a motivação apresentou diferenças entre os estudantes. Enquanto alguns demonstraram maior interesse nas atividades estruturadas voltadas ao ensino técnico, outros mostraram maior envolvimento em momentos mais livres, como nas tentativas de arremesso e na experimentação espontânea do drible. Esse padrão reflete uma característica recorrente em experiências pedagógicas com o basquetebol: atividades altamente estruturadas tendem a gerar menor engajamento prolongado, ao passo que situações mais abertas e lúdicas estimulam a participação de forma mais natural.

Para promover o interesse contínuo, foram adotadas estratégias como a valorização do progresso individual, o fornecimento de feedback positivo e a flexibilização de algumas atividades. Essa abordagem permitiu que os alunos explorassem suas habilidades com certo nível de autonomia. Além disso, foram incentivadas tomadas de decisão durante as práticas, como a escolha de estratégias para passes ou arremessos, o que aumentou o senso de pertencimento e autoestima entre os participantes. De acordo com Kirk (2010), a motivação intrínseca é fortalecida quando os estudantes percebem que suas contribuições são reconhecidas e que possuem autonomia para participar de forma significativa no ambiente de aprendizado.

Assim, a aula não apenas ensinou os fundamentos do basquetebol, mas também destacou a importância de equilibrar estrutura e liberdade na condução das atividades. O contexto escolar, marcado pela influência do modelo militar, revelou-se um fator relevante, evidenciando a necessidade de adotar abordagens pedagógicas que conciliem a disciplina com o engajamento genuíno dos alunos.

**Figura 4** - Prática inclusiva de Basquetebol, fundamentos e manejo.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

#### **Aula 04:**

No quarto encontro, retornamos a discussão sobre as principais regras do basquete, abordando o objetivo do jogo, que consiste em fazer uma cesta no campo adversário para marcar pontos. Trabalhamos os fundamentos do basquete e dividimos os alunos em trios para ensinar as técnicas essenciais.

Os fundamentos abordados foram:

- **Drible:** Movimento utilizado para se deslocar com a bola, mantendo o controle dela. Os alunos praticaram quicar a bola no chão e pegá-la novamente. O drible é uma técnica fundamental no basquete, permitindo ao jogador movimentar-se pela quadra sem violar as regras do jogo (Maes, 2014).
- **Passe:** Movimento que transfere a posse da bola para um companheiro de equipe. Foram realizados diferentes tipos de passes, promovendo a interação e o trabalho em equipe.
- **Arremesso:** Ação de lançar a bola em direção à cesta para marcar pontos. Foram aplicados diversos tipos de arremessos, permitindo aos alunos experimentar diferentes técnicas.

Além disso, praticamos jogos de 5x5 e 2x2 nas quatro tabelas disponíveis, utilizando uma quadra reduzida. Ao final, discutimos os desafios de jogar basquete

com um tempo limitado de aprendizado e utilizando quadras de tamanho reduzido, o que exigiu adaptação das estratégias e maior compreensão das regras.

Os alunos compartilharam suas experiências, refletindo sobre o aprendizado e os desafios enfrentados durante a prática. Essas reflexões demonstraram o progresso contínuo dos alunos e a importância de adaptação nas atividades para atender às suas necessidades individuais.

:

“Jogar 2x2 para mim é mais fácil e dinâmico, pois as decisões e ações dependem de menos pessoas no jogo” (aluno 06).

“Gostei de jogar, foi minha primeira vez jogando na quadra 5 contra 5, fiquei um pouco perdido” (aluno 20).

“Eu ainda estou sem noção do jogo, mas acredito que nos próximos jogos vou compreender melhor, pois é minha primeira vez” (aluno 21).

A discussão e reflexão sobre os resultados desse encontro revelam importantes considerações sobre o processo de ensino-aprendizagem no basquete, especialmente quando o tempo de prática é limitado. A experiência dos alunos, relatada ao final da atividade, evidencia a influência do formato de jogo (2x2 ou 5x5) e do tamanho da quadra no desenvolvimento e na compreensão do jogo. O aluno 06 destacou que o formato 2x2 é mais dinâmico e facilitador, pois exige menos interação com outros jogadores, permitindo decisões mais rápidas. Isso sugere que, para iniciantes, o formato de jogo com menos jogadores pode ser uma estratégia pedagógica eficaz para promover maior envolvimento e entendimento do jogo.

Por outro lado, os relatos dos alunos 20 e 21 indicam que a complexidade do jogo 5x5, em uma quadra de tamanho normal, pode gerar sentimentos de confusão e dificuldade de adaptação, especialmente para aqueles que estão tendo o primeiro contato com a modalidade. Esse desafio reflete a necessidade de uma progressão pedagógica que inclua etapas intermediárias, como a prática em quadras reduzidas e jogos com menor número de participantes, para que os alunos desenvolvam gradualmente a noção espacial, a tomada de decisão e as interações coletivas exigidas no jogo completo.

**Figura 5** - Prática inclusiva de Basquetebol, manejo de bola e jogo 2x2.



**Fonte:** Acervo do autor, 2024.

### **Aula 05:**

As atividades realizadas no quinto encontro tiveram como foco os fundamentos do basquetebol, organizando os alunos em pequenos grupos de quatro integrantes para otimizar a prática e o aprendizado. Inicialmente, trabalhou-se o drible, habilidade essencial para o controle e deslocamento com a bola. Os alunos realizaram exercícios progressivos, começando com deslocamentos simples em linha reta e evoluindo para trajetórias em zigue-zague, alternando a mão de condução e variando a intensidade dos dribles.

Em seguida, foi abordado o passe, fundamental para a troca de posse e a construção do jogo coletivo. Os alunos praticaram diferentes tipos de passe: o passe de peito, executado com as duas mãos partindo da altura do tórax para trajetórias curtas e diretas; o passe por cima da cabeça, utilizado para superar adversários próximos; o passe de ombro, explorado para lançamentos mais longos e rápidos; e o passe de gancho, empregado em situações em que há necessidade de um passe lateral curvo. Cada tipo de passe foi treinado em duplas e em movimentação, incentivando a precisão e a tomada de decisão sob diferentes condições.

Posteriormente, foram realizados exercícios de arremesso, contemplando diversas formas de finalização. No arremesso de lance livre, os alunos praticaram a postura correta, a empunhadura da bola e a coordenação do movimento de extensão dos braços e dos dedos na finalização. No arremesso de média e longa distância, foram aplicadas repetições a partir de diferentes posições na quadra, com foco na adaptação da força e do ângulo do arremesso. Por fim, foi introduzida a bandeja,

ênfatizando a sequência correta de duas passadas antes da finalização, coordenando o salto e o toque suave na tabela.

Ao longo da aula, foram feitas adaptações para alunos com diferentes níveis de habilidade. Para aqueles com dificuldades na condução da bola, foram utilizados exercícios de controle estacionário antes da progressão para deslocamento. No passe, a distância entre os alunos foi ajustada para facilitar a execução correta dos movimentos. Nos arremessos, foram disponibilizados alvos próximos à cesta para que os alunos menos experientes ganhassem confiança antes de avançar para distâncias maiores. Essas estratégias garantiram que todos pudessem participar e progredir dentro de suas próprias capacidades, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e motivador.

Ainda, foram abordadas estratégias de marcação defensiva, vivenciando a marcação individual, na qual cada aluno deve marcar um adversário específico, a marcação por zona, utilizando a formação 2-1-2, e a marcação mista, que combina elementos das duas anteriores. Após a introdução dessas estratégias, foi realizado um jogo em quadra completa, permitindo aos alunos aplicarem os conceitos aprendidos na prática.

Por fim, foi conduzido um feedback coletivo, reforçando os conceitos abordados ao longo da aula. Durante essa discussão, foram revisados os movimentos ofensivos e defensivos, bem como as habilidades envolvidas. Além disso, foram esclarecidas as regras básicas da modalidade, proporcionando uma compreensão mais ampla do jogo.

Recebi relatos importantes dos alunos sobre o nosso quinto encontro:

“Professor a cada aula pratica sobre o basquete vai aumentando ainda mais as dificuldades de se jogar” (aluno09).

“Marcar defensivamente no jogo de basquete tem muitas funções um erro pode deixar o adversário livre para efetuar a cesta” (aluno15).

“A marcação individual (homem a homem) cansa muito, temos que ter um preparo diferente” (aluno 17).

As observações realizadas durante o quinto encontro destacam a crescente complexidade do processo de aprendizado do basquete, especialmente à medida que novos fundamentos são introduzidos e praticados. A abordagem dos diferentes tipos de passes, arremessos e estratégias de marcação defensiva proporcionou aos alunos

uma compreensão mais profunda das dinâmicas do jogo, ao mesmo tempo em que revelou os desafios físicos e cognitivos que acompanham esse progresso.

Os relatos dos alunos refletem essa percepção de aumento na dificuldade, como mencionado pelo aluno 09, que observou que, a cada aula prática, o jogo se torna mais exigente. Esse relato aponta para a necessidade de um preparo gradual e contínuo, tanto físico quanto técnico, para que os alunos possam se adaptar às exigências do esporte.

A observação do aluno 15, sobre os erros na marcação defensiva e suas consequências no jogo, ilustra a importância de dominar os conceitos de posicionamento e cobertura. Isso reforça a relevância da marcação individual e por zona como fundamentos estratégicos. Por fim, o comentário do aluno 17 sobre o desgaste físico causado pela marcação individual (homem a homem) indica que, além do desenvolvimento técnico, é essencial aprimorar a condição física dos alunos para que possam suportar as exigências do jogo, especialmente em modalidades que demandam constante movimento e atenção.

**Figura 6** - Prática inclusiva do Basquetebol, defesa 2.1.2.



**Fonte:** Acervo do autor, 2024.

**Aula 06:**

No sexto encontro, iniciamos revisitando os fundamentos do basquete, organizando os alunos em pequenos grupos para praticar os principais elementos técnicos do jogo, por meio de jogos reduzidos, como drible, passe de peito, passe por cima da cabeça, passe de ombro e passe de gancho. Em seguida, explicamos como ocorreriam os jogos simultâneos em quatro tabelas distintas. Reforçamos as estratégias ofensivas e defensivas, destacando a importância do deslocamento, da movimentação e do arremesso da bola. Após as instruções, os alunos participaram dos jogos simultâneos, utilizando duas tabelas principais e duas tabelas auxiliares. Dividimos a turma em grupos de diferentes tamanhos: nas duas tabelas principais, jogos de 5x5, enquanto nas tabelas auxiliares foram realizados jogos de 3x3 e 2x2.

A divisão dos grupos foi feita considerando a participação ativa de todos os alunos, buscando evitar exclusões baseadas em habilidade, gênero ou interesse. No entanto, apenas a organização em pequenos grupos não garante, por si só, a inclusão de todos. Por isso, adotamos uma abordagem pedagógica que incentivou a cooperação, a adaptação das regras e a rotatividade das funções dentro dos jogos. Atividades estruturadas dessa forma favorecem a interação entre os estudantes e a construção coletiva do conhecimento (Bracht, 2017).

A implementação do jogo simultâneo permitiu que diferentes perfis de alunos encontrassem espaços de participação, reduzindo a exclusão causada por desigualdades de habilidades e ampliando as oportunidades de envolvimento de todos (Krug; Krug, 2020). Além disso, ao distribuir os alunos em diferentes espaços e dinâmicas, a escola promove a diversidade e valoriza a participação de todos, independentemente de suas habilidades. No contexto pedagógico, o esporte desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral do indivíduo, fomentando valores como disciplina, solidariedade, cooperação e trabalho em equipe, que são fundamentais para a formação pessoal (Carneiro, 2007).

A simples prática esportiva, por si só, não garante o desenvolvimento desses valores. Para que esses aspectos sejam efetivamente trabalhados, é necessário um planejamento pedagógico intencional, que direcione as atividades para além da mera reprodução técnica dos movimentos (Bracht, 2017). Dessa forma, a estrutura adotada buscou equilibrar a dimensão técnica com a social, garantindo que todos os alunos pudessem participar ativamente do processo de aprendizagem.

Finalizamos a aula com a opinião dos educandos sobre essa nova experiência de jogar basquete em espaços reduzidos:

“O bom de jogar basquete reduzido e que não precisamos juntar dez jogadores para praticar, precisamos de números pequenos exemplo 4 ou 6 pessoas” (aluno 05).

“Jogar com menos pessoas me traz mais segurança porem aumenta a responsabilidade” (aluno 08).

“O melhor de jogar em espaço reduzido e que cansamos menos” (aluno 13).

Os resultados do sexto encontro revelam uma série de implicações pedagógicas relevantes na abordagem do ensino do basquete. A prática dos jogos em espaços reduzidos e com diferentes quantidades de jogadores se mostrou eficiente para engajar os alunos e facilitar o aprendizado. A organização em grupos menores favoreceu a participação ativa de todos e proporcionou um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e colaborativo. Os relatos dos alunos indicam que o formato de jogos reduzidos lhes trouxe benefícios em termos de conforto, segurança e maior envolvimento, ao mesmo tempo que os desafiou com uma maior responsabilidade individual dentro do jogo. Esses aspectos reforçam a importância de adaptar as atividades às necessidades e níveis de cada estudante, promovendo uma experiência de aprendizagem mais inclusiva.

**Figura 7** - Prática inclusiva de basquetebol, jogo de basquete 5x5/ 3x3/ 2x2 em 4 tabelas de basquete.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

**Aula 07:**

As atividades realizadas no sétimo encontro foram estruturadas a partir de uma abordagem situacional, utilizando jogos reduzidos e o princípio operacional como base para o desenvolvimento dos fundamentos técnicos do basquete. Os alunos foram divididos em grupos de três e participaram de estações que simulavam contextos reais de jogo, favorecendo a tomada de decisão e a aplicação prática dos fundamentos.

Na Estação 1, os alunos praticaram diferentes tipos de dribles, como dribles de proteção e cruzados ao redor de cones, incentivando o controle de bola em situações de pressão defensiva. A Estação 2 focou nos passes, incluindo o passe de peito, por cima da cabeça e de ombro, realizados em duplas e trios para aprimorar a precisão e a cooperação dentro do jogo. Já na Estação 3, os alunos praticaram arremessos de diversas distâncias e ângulos, ajustando a postura e a técnica conforme a necessidade da situação. Além disso, os jogos reduzidos foram inseridos ao final da prática, permitindo que os alunos aplicassem os fundamentos trabalhados em situações dinâmicas e contextualizadas, reforçando a compreensão tática e a adaptação às exigências do jogo. Essa abordagem, baseada na lógica do ensino esportivo situacional, contribuiu para que os alunos não apenas executassem os fundamentos, mas também compreendessem seu uso estratégico dentro do jogo.

Após as estações, foi introduzida a marcação defensiva, com foco na marcação individual e por zona, no sistema 3-2. Implementamos jogos em sistema de rotação, permitindo que todos jogassem em diferentes tabelas de basquete contra adversários variados, com trocas a cada 7 minutos, em quadras reduzidas. Finalizamos com um feedback geral, revisando os conceitos abordados, incluindo regras básicas e movimentos de ataque e defesa, consolidando o aprendizado.

A divisão das equipes foi definida de forma aleatória pelo professor, levando em consideração a experiência dos participantes. A coordenação dos jogos sem um árbitro exigiu maior autonomia dos alunos, promovendo senso de responsabilidade e tomada de decisão (Kirk, 2010). A participação de todos de forma autônoma favoreceu a inclusão, garantindo que todos tivessem a oportunidade de jogar. A interação entre meninos e meninas no jogo foi um dos principais desafios enfrentados, devido à cultura esportiva já estabelecida entre os alunos, que muitas vezes reforça a segregação de gênero e a percepção de diferenças de habilidades. No início das

atividades, observou-se uma tendência de menor envolvimento das alunas, seja por receio de errar, seja pela falta de confiança em sua participação no jogo.

Diante dessa situação, foram realizadas intervenções pontuais para garantir maior equidade na participação. O professor incentivou a cooperação e distribuiu funções dentro dos times de maneira estratégica, promovendo um equilíbrio entre os jogadores e reforçando a importância de todos na construção coletiva do jogo. Além disso, foram estabelecidas regras adaptadas para incentivar a interação, como a obrigatoriedade de que todos os integrantes do time participassem ativamente das jogadas antes da finalização.

Outra intervenção essencial foi o feedback positivo contínuo, tanto individual quanto coletivo, valorizando as contribuições de todos os alunos e quebrando a resistência inicial. A abordagem baseada em jogos reduzidos também favoreceu a participação equitativa, pois permitiu maior envolvimento de cada aluno nas dinâmicas propostas, reduzindo a exclusão causada por diferenças de habilidades:

“Hoje foi o dia em que mais participei dos jogos e o mais interessante foi assimilar os jogos de 5 contra 5 e depois 2 contra 2” (aluno 02).

“Nunca imaginei que eu pudesse jogar basquete em tão pouco tempo de experiência com o esporte” (aluno 11).

“O que me chamou mais atenção e que nós alunos estamos a cada encontro conhecendo e aplicando as regras com poucas intervenções do professor” (aluno 21).

Os resultados do sétimo encontro demonstram que a abordagem adotada foi eficaz para o aprendizado dos alunos, ao combinar atividades técnicas com momentos de aplicação prática. A aula foi estruturada em duas partes: a primeira, com exercícios organizados em estações, focou no desenvolvimento de fundamentos como drible, passe e arremesso; já a segunda parte envolveu jogos em diferentes formatos, permitindo que os alunos aplicassem o que haviam aprendido em um contexto dinâmico.

A organização das atividades em pequenos grupos favoreceu a participação ativa e o engajamento dos alunos, conforme indicado pelos relatos dos mesmos, que destacaram sua interação durante os jogos e a assimilação das dinâmicas de partidas em diferentes configurações, como 5x5 e 2x2. Além disso, a rápida adaptação ao esporte, mesmo entre aqueles com pouca experiência prévia, evidencia a efetividade

do método utilizado, que incentivou a autonomia dos estudantes na aplicação das regras e na tomada de decisão durante as partidas.

Entretanto, alguns desafios foram identificados, especialmente em relação à interação entre meninos e meninas. A cultura esportiva dos alunos influenciou a dinâmica dos jogos, exigindo intervenções do professor para garantir equidade na participação. Essas intervenções foram essenciais para equilibrar as interações e promover um ambiente inclusivo, assegurando que todos os alunos tivessem oportunidades reais de envolvimento e aprendizado.

**Figura 8** – Prática inclusiva de basquetebol, defesa 3.2, jogo de basquete 2x2.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

### **Aula 08:**

No oitavo encontro, foram revisados os fundamentos do basquete, com ênfase nas habilidades técnicas essenciais para a prática eficaz do esporte. O drible foi trabalhado como forma de controle da bola com uma das mãos enquanto o jogador se desloca pela quadra, destacando sua importância no avanço com a posse da bola. Diversos tipos de passes foram praticados, incluindo o passe de peito, o passe picado e o passe por cima da cabeça. Além disso, foram realizados arremessos de diferentes distâncias e ângulos, abrangendo arremessos de curta, média e longa distância, como os de três pontos. As atividades defensivas focaram em impedir o avanço do adversário e em realizar roubos de bola, com a aplicação da marcação zonal 3-2. Essa formação tem como objetivo dificultar arremessos de longa distância, forçando o adversário a tentar arremessos de fora, conforme destacado por Sousa (2007).

Em seguida, foi realizada a prática do jogo, permitindo que os alunos aplicassem os fundamentos trabalhados em situações reais de jogo, incluindo jogadas ofensivas, defensivas, estratégias e trabalho em equipe. Adicionalmente, foram introduzidos jogos complementares, como o "jogo do 21", uma modalidade informal de basquete em que os jogadores competem para atingir 21 pontos, incentivando a prática de diferentes formas de pontuação, como arremessos de campo, lances livres e rebotes. Outro jogo implementado foi o "Relógio", no qual os alunos tinham tempo limitado para realizar uma quantidade específica de arremessos, promovendo a precisão sob pressão.

A organização das atividades possibilitou a participação de todos os alunos, com um sistema de rodízio que permitiu que cada grupo experimentasse diferentes vivências dentro do basquete. No entanto, a forma como essa participação ocorreu levanta reflexões importantes sobre a inclusão no processo pedagógico. A divisão observada na foto 9, em que os meninos estavam no jogo formal enquanto as meninas participavam de atividades como o "jogo do relógio" e o "21", pode ter sido influenciada por fatores socioculturais, como a familiaridade prévia com a modalidade, a autoconfiança e as expectativas em relação ao desempenho esportivo por gênero.

Embora o rodízio tenha garantido que todos passassem por diferentes dinâmicas de jogo, é necessário questionar se essa estrutura realmente proporcionou experiências equitativas ou se, em algum momento, reforçou padrões que limitam o acesso pleno de meninas e meninos às mesmas vivências esportivas. A literatura aponta que o esporte pode ser uma ferramenta poderosa de inclusão social, desde que conduzido de forma intencional e pedagógica (Carneiro, 2007). Para que essa inclusão seja efetiva, é fundamental que todos tenham oportunidades equivalentes de participar das mesmas práticas, enfrentando desafios similares e desenvolvendo competências técnico-táticas em igualdade de condições. Além disso, Kunz (2005) reforça a ideia de que o esporte, como prática educativa, não só contribui para a inclusão social, mas também promove a construção de cidadania, pois permite que os indivíduos vivenciem e pratiquem princípios como respeito, justiça e cooperação.

**Figura 9** - Prática inclusiva do basquetebol, jogo 21, relóginho e jogo 5x5.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

#### **Aula 09:**

No nono encontro, com o apoio do Rotary Club da cidade de Diamantino-MT, foi introduzida a prática do basquete em cadeira de rodas. Foram emprestadas seis cadeiras de rodas para a simulação da modalidade, acompanhada de uma apresentação sobre o histórico do basquete adaptado, que teve sua origem nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Segundo Teixeira (2006), o primeiro jogo de basquetebol em cadeira de rodas entre equipes brasileiras ocorreu em um confronto entre paulistas e cariocas, no Ginásio do Maracanãzinho (RJ), com vitória dos paulistas. Posteriormente, em 1960 e 1961, ocorreram mais dois confrontos, desta vez com vitória da equipe carioca. Desde então, a competição de basquete em cadeira de rodas no Brasil tem se popularizado, e a modalidade foi integrada aos Jogos Paralímpicos, oferecendo oportunidades para atletas com deficiência física.

Durante o encontro, foram trabalhados os fundamentos básicos do basquete em cadeira de rodas. Muitas vezes, acredita-se equivocadamente que essa modalidade não exige o aprendizado de fundamentos técnicos e posicionamentos táticos. No entanto, é fundamental que o praticante de basquete em cadeira de rodas (BCR) aprenda a combinar os fundamentos técnicos e táticos do jogo com a técnica de manejo da cadeira de rodas (Teixeira, 2006). Os participantes foram divididos em grupos de seis alunos, nos quais realizaram exercícios práticos dos fundamentos do

basquete adaptado, como passe, drible e arremesso. Foram organizadas estações de vivências para a prática dessas habilidades, e algumas regras foram adaptadas para atender às necessidades dos participantes.

Ao final, foi realizado um jogo em grupos de três alunos, no qual foram enfatizados o trabalho em equipe, a cooperação e o fair play. Após o término das atividades, os alunos participaram de uma reflexão coletiva sobre a experiência, na qual compartilharam suas impressões e os desafios enfrentados durante a prática do basquete adaptado:

“A prática do basquete em cadeira de rodas foi uma experiência nova e enriquecedora, proporcionando um ambiente de cooperação e respeito” (aluno 03).

“Destaco a importância do trabalho em equipe e como isso ajudou a fortalecer os laços entre a turma”(aluno 05).

“Adaptação as regras e do ambiente de jogo permitiu uma participação mais ativa e significativa de todos, independentemente do nível de habilidade” (aluno 06).

“Tive dificuldades em compreender e aplicar as regras adaptadas do basquete” (aluno 07).

“Me senti um pouco inseguro ao participar de atividades práticas, especialmente em situações de jogo” (aluno 13).

Os resultados obtidos a partir da prática do basquete em cadeira de rodas evidenciaram uma experiência rica em termos de cooperação e inclusão, conforme relatado pelos alunos. A reflexão coletiva destacou que a atividade proporcionou um ambiente de respeito e cooperação, fortalecendo os laços entre os participantes e favorecendo a participação ativa, independentemente do nível de habilidade. Comentários como os de que "o trabalho em equipe ajudou a fortalecer os laços entre a turma" e a observação sobre a adaptação das regras, permitindo maior inclusão, demonstram o sucesso da abordagem pedagógica. No entanto, também foram identificados desafios, como a dificuldade de compreensão das regras adaptadas e a insegurança em situações de jogo, apontados por alguns alunos. Essas dificuldades indicam áreas a serem aprimoradas para garantir que todos os estudantes se sintam plenamente capacitados e confiantes durante a prática. As reflexões dos alunos contribuíram para a avaliação crítica da proposta de ensino do basquete inclusivo,

sugerindo a necessidade de ajustes que possam aumentar a eficácia e a acessibilidade da experiência.

A análise das narrativas sobre a prática do basquete em cadeira de rodas revela uma experiência significativa de cooperação e inclusão, similar a outras investigações que destacam o impacto positivo de práticas esportivas adaptadas em ambientes escolares. De acordo com Rizzo *et al.* (2004), esportes adaptados, como o basquete em cadeira de rodas, têm o potencial de promover a inclusão ao integrar estudantes com diferentes habilidades físicas, facilitando o desenvolvimento de laços sociais e de respeito mútuo. O trabalho em equipe ajudou a fortalecer os laços entre a turma, refletindo a importância da cooperação em atividades físicas inclusivas, como observado também em Sherrill (2004), que destaca que a interação e a colaboração entre os alunos são fundamentais para a construção de um ambiente de aprendizado positivo e inclusivo.

Além disso, a adaptação das regras, como mencionada pelos alunos, é um aspecto essencial para garantir a participação ativa e inclusiva, um ponto que foi enfatizado por Horn *et al.* (2011), argumentando que os ajustes nas regras de jogos favorecem a participação de todos os alunos, independentemente do nível de habilidade motora. No entanto, como observam Goodwin & Watkinson (2000), a adaptação das regras também pode apresentar desafios, como a dificuldade de compreensão das modificações, que foi apontada pelos alunos na pesquisa. Tais dificuldades indicam que, para a inclusão ser realmente eficaz, as adaptações devem ser claras e bem compreendidas por todos os participantes.

**Figura 10** - Prática inclusiva de Basquetebol em cadeira de rodas.



Fonte: Acervo do autor 2024.

**Aula 10:**

No último encontro, foi organizada uma atividade com foco na diversão e no espírito de equipe, por meio de um festival com grupos igualitários. Os jogos foram realizados em diferentes formatos (2x2, 3x3 e 5x5), com os alunos sendo divididos pelo professor de forma aleatória em grupos, visando equilibrar as habilidades e personalidades dos participantes. Essa abordagem teve como objetivo promover a colaboração e a troca de conhecimentos entre os colegas. Durante o torneio, observou-se um elevado nível de espírito esportivo, com os alunos demonstrando comportamentos de incentivo mútuo, auxílio e celebração coletiva dos sucessos, independentemente do resultado das partidas. Além do desenvolvimento das habilidades técnicas no basquete, o evento também evidenciou o fortalecimento de valores sociais importantes, como o respeito, o trabalho em equipe e a empatia entre os participantes.

Após a conclusão do torneio, reunimos todos os alunos para uma breve reflexão sobre a experiência. Eles compartilharam seus destaques e perspectivas:

“A comunicação eficaz entre os membros da equipe fez a diferença nas partidas” (aluno 08).

“Acredito que melhorei minhas habilidades técnicas e minha confiança ao jogar” (aluno 10).

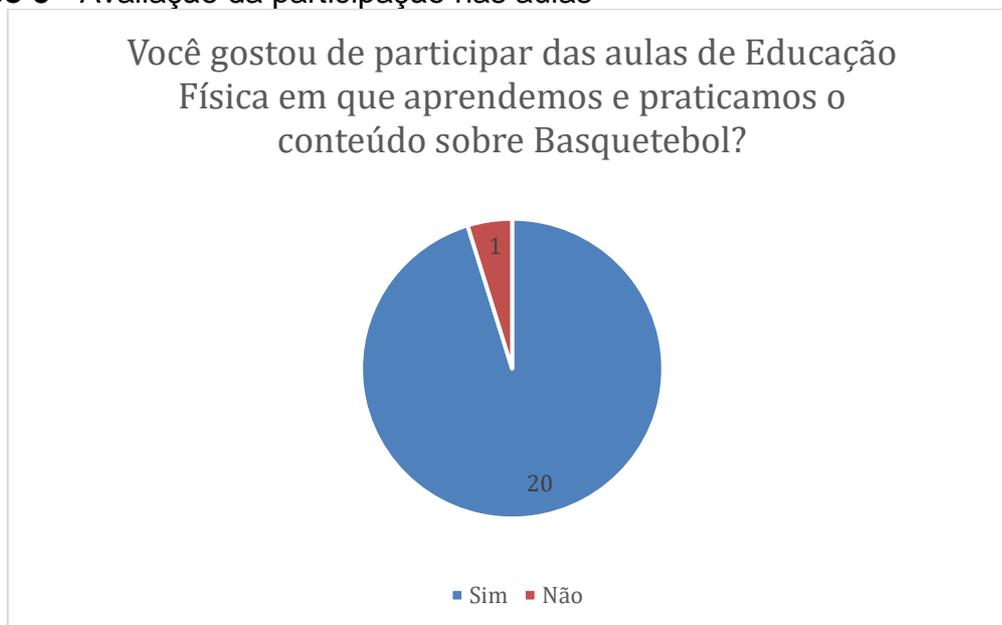
“Depois desse projeto estou motivado em continuar praticando esportes e atividades físicas” (aluno 12).

A reflexão coletiva com os alunos revelou importantes percepções sobre a experiência vivenciada. Entre os principais destaques, os alunos enfatizaram a relevância da comunicação eficaz dentro das equipes, apontada como um fator determinante para o sucesso nas partidas, como observado pelo aluno 08. Além disso, foi notado um aprimoramento nas habilidades técnicas e no aumento da autoconfiança dos alunos durante as práticas, conforme relatado pelo aluno 10. A motivação gerada pelo projeto também se destacou, com o aluno 12 expressando o desejo de continuar praticando esportes e atividades físicas no futuro. Esses dados indicam que a proposta pedagógica não apenas promoveu o desenvolvimento técnico no basquete, mas também fortaleceu habilidades socioemocionais e motivou os alunos a adotarem um estilo de vida mais ativo.

## Analizando o Questionário de saída

A proposta desenvolvida teve como foco o ensino do basquete inclusivo para estudantes do 1º ano do ensino médio. Para avaliar o cenário dos conhecimentos prévios dessa experiência, foi aplicado um questionário inicial, com o objetivo de mapear o conhecimento prévio dos alunos sobre a modalidade. No último tópico deste capítulo, serão discutidas as respostas fornecidas pelos estudantes no questionário de saída, com a finalidade de analisar a eficácia da Unidade Didática implementada ao longo do bimestre. O questionário de saída contou com 11 perguntas e foi respondido por 21 alunos. Para facilitar a compreensão dos dados, serão apresentados quatro gráficos que ilustram as principais tendências e respostas dos participantes. Na primeira temática do questionário de saída, os estudantes expressaram seu interesse em aprender e praticar o basquete durante os dez encontros. Após a implementação da unidade didática, serão apresentados os resultados relacionados à experiência de vivenciar o basquete nas aulas de Educação Física, destacando as percepções e o desenvolvimento dos estudantes em relação a esse esporte.

**Gráfico 5** - Avaliação da participação nas aulas



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

O Gráfico 5 indica que 95% dos estudantes relataram ter apreciado a prática do basquete durante as aulas de Educação Física, enquanto 5% não demonstraram

a mesma satisfação. Essa alta taxa de aprovação pode ser atribuída às metodologias pedagógicas adotadas, que promoveram o ensino de esportes de invasão por meio de situações de jogo, tornando a experiência mais dinâmica e contextualizada. O basquete, enquanto esporte coletivo, favorece o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, como cooperação, trabalho em equipe e comunicação, o que pode ter contribuído para a percepção positiva da maioria dos alunos. A elevada taxa de satisfação também pode ser compreendida à luz do conceito de experiência significativa proposto por Dewey (1938), em que as atividades com um propósito claro e envolvente são mais apreciadas pelos alunos, pois se conectam aos seus interesses e necessidades sociais. Contudo, o desenvolvimento social e emocional ocorrerá de maneira eficaz somente quando trabalhado de forma explícita e intencional. A intencionalidade no planejamento das práticas esportivas é essencial para que os alunos possam refletir sobre o significado da cooperação e o valor das relações interpessoais durante os jogos. Entretanto, é necessário considerar os 5% dos estudantes que não se sentiram igualmente engajados. Para esses casos, é fundamental que os educadores identifiquem as possíveis barreiras, que podem variar desde dificuldades motoras até desinteresse ou experiências prévias negativas com o esporte. A adoção de estratégias pedagógicas diferenciadas, como a adaptação das atividades às necessidades individuais dos estudantes, pode ser uma solução para superar esses obstáculos e garantir uma experiência inclusiva e positiva para todos. A seguir, são apresentados alguns relatos dos estudantes que participaram das aulas:

“Sim, pois aprendi um novo esporte.” (aluno 01).

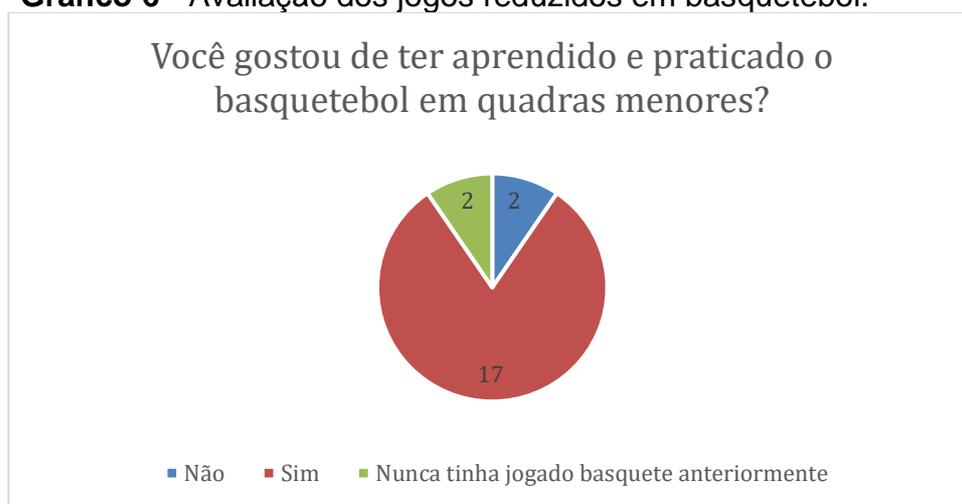
“Sim, por que o basquete é muito divertido.” (aluno 05)

“Sim, aprendi mais sobre o basquete.” (aluno 07).

Os dados indicam que a metodologia de ensino do basquete adotada nas aulas de Educação Física foi bem-sucedida, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas também o desenvolvimento de competências sociais e emocionais entre os estudantes. No entanto, a insatisfação de uma pequena parcela dos alunos sinaliza a necessidade de maior atenção às diferenças individuais. A implementação de estratégias pedagógicas inclusivas e adaptativas é crucial para que todos os estudantes possam se beneficiar igualmente das aulas. Dessa forma, a proposta de ensino do basquete inclusivo demonstrou ser uma ferramenta eficaz para engajar a

maioria dos estudantes, mas ressalta a importância de ajustes contínuos na prática pedagógica para atender às necessidades diversas dos alunos e garantir uma experiência educacional inclusiva. Na segunda pergunta, buscamos entender se os educandos apreciaram a prática do basquete em quadras menores. O objetivo foi avaliar o impacto das aulas e identificar as principais aprendizagens dos estudantes em relação a aspectos táticos, técnicos e das regras.

**Gráfico 6 - Avaliação dos jogos reduzidos em basquetebol.**



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

A maioria dos estudantes (81%) relatou ter apreciado a prática do basquete em quadras reduzidas. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que o uso de quadras menores permitiu a participação simultânea de todos os alunos, promovendo maior inclusão e engajamento nas atividades. Essa configuração proporcionou um ambiente mais dinâmico e interativo, no qual os estudantes tiveram mais oportunidades de se envolver ativamente nas situações de jogo, independentemente de suas habilidades motoras, o que contribuiu para uma experiência coletiva mais positiva. Embora o desenvolvimento de habilidades motoras seja essencial na prática esportiva, ele não é, por si só, suficiente para garantir a participação e a inclusão de todos os estudantes. No caso do basquete em quadras reduzidas, a inclusão foi promovida não apenas pelo aprimoramento das capacidades técnicas dos alunos, mas também pela criação de um ambiente mais acolhedor e acessível. A pedagogia do esporte destaca que os jogos em quadras menores favorecem os alunos menos

habilidosos, ao proporcionar mais oportunidades de interação com a bola e de participação ativa (Davids *et al.*, 2013).

A seguir, são apresentados alguns relatos dos alunos, que refletem suas experiências pessoais durante a prática do basquete em quadras reduzidas. Esses relatos fornecem uma perspectiva mais detalhada sobre como as atividades impactaram cada estudante individualmente, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos benefícios e desafios percebidos pelos participantes:

“Sim, porque ficou melhor de jogar” (aluno 01).

“Sim, para alguns pode ser mais confortável” (aluno 10).

“Sim e mais legal com menos pessoas e o aluno se sente melhor” (aluno 16).

Já os alunos que não gostaram de praticar o basquete em quadras menores responderam da seguinte forma:

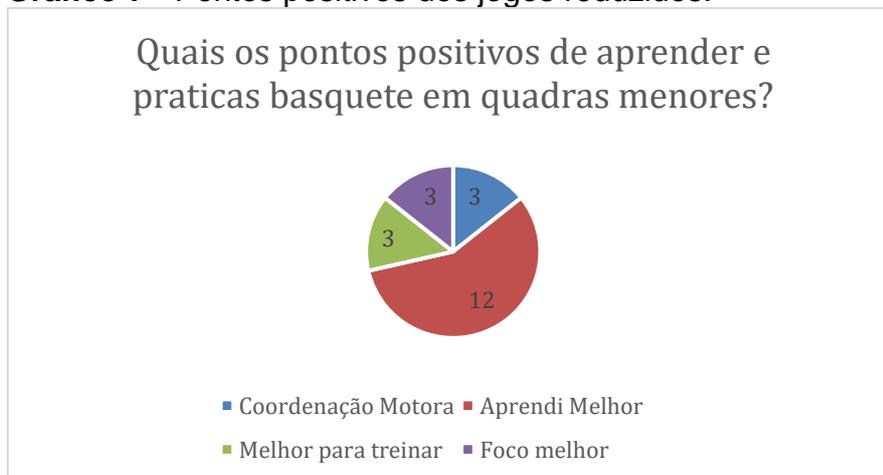
“Não muito” (aluno 02).

“Não porque não tem graça” (aluno 06).

Nesses relatos, observamos que a maioria dos estudantes reconhece os aspectos positivos da utilização dos jogos reduzidos para o ensino do basquete nas aulas de Educação Física. A análise das respostas dos estudantes neste questionário de saída, juntamente com as observações feitas pelo professor durante a aplicação da unidade didática, nos leva a concluir que, ao proporcionar o ensino por meio dos jogos reduzidos, é igualmente importante oferecer aos alunos a oportunidade de praticar o basquete em quadras com dimensões oficiais, seja antes ou após a vivência nas quadras reduzidas.

Na pergunta seguinte, solicitamos que os estudantes destacassem os pontos positivos de aprender em espaços menores, ou seja, por meio dos jogos reduzidos. Aqueles que demonstraram apreço por essa estratégia de ensino apontaram diversas vantagens dessa abordagem. A partir dessa resposta, foi possível identificar fatores que contribuíram para a menção dos aspectos positivos. Um desses fatores foi a possibilidade de os alunos mais tímidos jogarem com um número reduzido de pessoas, o que proporcionou um ambiente mais confortável e favoreceu a participação.

**Gráfico 7 - Pontos positivos dos jogos reduzidos.**



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

O Gráfico 7, que explora os pontos positivos dos jogos reduzidos, revela que a maioria dos estudantes percebeu vantagens em aprender basquete em espaços menores. Um dos principais benefícios apontados foi o conforto proporcionado aos alunos mais tímidos, que se sentiram mais à vontade ao jogar com um número reduzido de colegas. Essa estratégia parece ter favorecido um ambiente mais acolhedor, no qual esses estudantes puderam participar de forma mais ativa e confiante, sem a pressão de uma grande audiência ou de um jogo com muitos participantes.

A seguir, são apresentados os relatos dos educandos sobre os pontos positivos de praticar basquete em espaços reduzido:

“Me sinto mais à vontade” (aluno 09).

“Consegui treinar e me senti confortável com menos pessoas” (aluno 10).

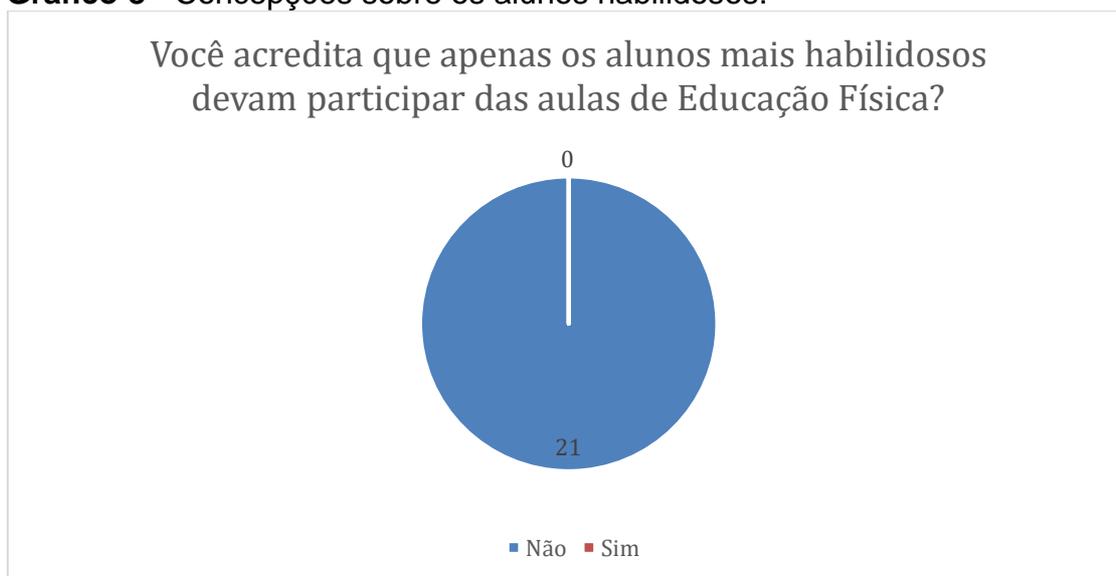
“Você se sente mais à vontade” (aluno 12).

Os jogos em espaços reduzidos proporcionaram um maior contato com a bola e mais oportunidades para a prática de habilidades individuais, fatores que contribuem diretamente para o desenvolvimento técnico dos alunos. Esse formato também promoveu interações mais frequentes e eficazes entre os membros da equipe,

estimulando a cooperação e a comunicação de maneira mais dinâmica e concentrada do que em quadras maiores. Esses aspectos ressaltam o valor pedagógico dos jogos reduzidos como uma ferramenta eficaz para aumentar o engajamento e o aprendizado, especialmente entre os estudantes que podem enfrentar dificuldades em contextos mais tradicionais de ensino do esporte.

Por fim, ao realizar a última pergunta, ficou evidente que os estudantes apreciam e valorizam as aulas de Educação Física inclusivas, reconhecendo que aprender novos e diferentes esportes é um direito dos alunos. Percebeu-se que eles compreenderam, valorizaram e se sentiram motivados a aprender e participar das aulas, principalmente quando estas foram conduzidas por meio de abordagens inovadoras, como as aulas de campo ou estratégias de ensino diferenciadas.

**Gráfico 8** - Concepções sobre os alunos habilidosos.



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Observando o gráfico, identificamos que 100% dos educandos são favoráveis ao direito de todos participarem das aulas de Educação Física, independentemente de suas habilidades. Os relatos dos alunos ajudarão a confirmar essas respostas, fornecendo uma visão mais detalhada sobre como os estudantes percebem e valorizam a inclusão nas atividades:

“Não, todos temos capacidades de aprender” (aluno 11).

“Não, qualquer pessoa consegue aprender e praticar pois todos são capazes” (aluno 15).

Os resultados apresentados no gráfico 8 indicam que os estudantes acreditam que todos devem participar das aulas de Educação Física, independentemente de suas habilidades. Esse dado reflete a valorização de um ambiente inclusivo, no qual todos têm a oportunidade de participar e aprender, reforçando a ideia de que a prática esportiva não deve ser restrita apenas aos mais habilidosos. Esse entendimento por parte dos alunos evidencia uma abordagem democrática no processo de ensino-aprendizagem, alinhada à proposta de inclusão nas aulas de Educação Física. Os relatos dos estudantes corroboram essa perspectiva, com destaque para os comentários: "todos temos capacidades de aprender" (aluno 11) e "qualquer pessoa consegue aprender e praticar, pois todos são capazes" (aluno 15). Esses relatos ressaltam a importância de adotar estratégias pedagógicas que atendam às diversas necessidades dos alunos, promovendo a participação de todos, independentemente de suas habilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de ensino do basquetebol inclusivo no ensino médio se revela essencial para promover a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas capacidades físicas ou cognitivas. O esporte, enquanto ferramenta pedagógica, demonstra ser um meio eficaz de estimular o desenvolvimento motor, social e emocional dos estudantes. Além de proporcionar benefícios físicos, a prática inclusiva do basquetebol fomenta a construção de relacionamentos mais solidários e respeitosos, ao mesmo tempo em que valoriza a diversidade, combate estereótipos e contribui para a redução do preconceito e da discriminação. Esse processo foi promovido por meio da alternância entre jogos estruturados e atividades adaptadas, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento técnico e tático em contextos variados. No entanto, a divisão inicial observada entre meninos e meninas nas atividades pode ter refletido influências socioculturais e concepções arraigadas sobre a participação esportiva, o que reforça a necessidade de uma mediação pedagógica intencional para garantir experiências equitativas.

A inserção de atividades participativas de basquete no ambiente escolar pode, ainda, atuar como um importante fator motivacional, incentivando a participação nas aulas e promovendo o engajamento no processo de aprendizagem. Ao vincular o exercício físico ao currículo escolar, cria-se uma educação mais significativa e interessante, que valoriza a formação integral dos estudantes.

É relevante destacar que a proposta de ensino do basquetebol inclusivo está fundamentada nos princípios da igualdade de oportunidades, respeitando a individualidade de cada aluno e adaptando as atividades às necessidades específicas de cada grupo. O papel do educador, nesse processo, é central, atuando como mediador e facilitador da aprendizagem, sendo capaz de proporcionar um ambiente acolhedor e motivador para todos. Para o sucesso deste projeto, é igualmente importante o apoio da comunidade escolar, das famílias dos alunos e de instituições parceiras que possam contribuir com recursos materiais e humanos para a implementação das atividades esportivas. Além disso, esforços contínuos devem ser realizados na formação dos educadores, garantindo que estejam preparados para lidar com a diversidade e promover eficazmente a inclusão.

Durante as aulas, foram observadas diversas situações de inclusão, como a adaptação das regras para permitir a participação de alunos com diferentes níveis de

habilidade, a formação de equipes mistas, que equilibravam jogadores mais experientes e menos experientes, e o uso de estratégias didáticas que incentivavam a cooperação, como jogos reduzidos e atividades em duplas. O objetivo era incluir alunos com dificuldades motoras, baixa autoestima em relação à prática esportiva e aqueles que, por diferentes razões, evitavam a participação ativa nas aulas de Educação Física. A experiência demonstrou que, com adaptações adequadas e incentivo contínuo, foi possível envolver a maioria desses estudantes, promovendo maior engajamento, confiança e interação entre os colegas. No entanto, alguns desafios permaneceram, especialmente na quebra de barreiras sociais entre os alunos mais habilidosos e aqueles que encontravam maior dificuldade no jogo, o que exigiu mediação constante e estratégias pedagógicas direcionadas.

O ensino do basquetebol inclusivo no ensino médio revela a importância de estratégias pedagógicas que promovam a participação ativa de todos os alunos. A inclusão no esporte vai além da adaptação das atividades, exigindo uma reflexão sobre o tipo de aprendizagem e desenvolvimento que se pretende estimular. Uma das principais estratégias para tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas é o ensino cooperativo, que enfatiza a colaboração entre os alunos, criando um ambiente mais acolhedor e democrático. Além disso, ao priorizar a compreensão tática em vez da mera execução técnica, ampliam-se as oportunidades para que todos os estudantes participem ativamente, independentemente do nível de habilidade.

A experiência de diferentes papéis dentro do jogo e o rodízio das atividades foram essenciais para que os alunos transitassem entre funções variadas, favorecendo a interação social e permitindo uma vivência mais rica e dinâmica. A adaptação de regras e o uso de equipamentos diferenciados garantiram maior equidade, possibilitando que cada aluno encontrasse formas de participação condizentes com suas condições e interesses. Outro aspecto fundamental foi a construção de um ambiente que acolhesse a diversidade. A inclusão não ocorre apenas com a mudança de método, mas exige uma abordagem intencional que valorize a diversidade dos alunos e promova sua participação ativa. O trabalho interdisciplinar contribuiu para conectar o ensino do basquete a diferentes áreas do conhecimento, tornando o aprendizado mais significativo e ampliando seu impacto.

Assim, essa experiência reforça que as aulas de Educação Física podem ser espaços de transformação social. Quando planejadas de maneira inclusiva, elas

permitem o desenvolvimento de valores como respeito, solidariedade e equidade, fortalecendo o senso de coletividade dentro da escola e da comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMOND, Len. Reflecting on themes: a games classification. **Rethinking games teaching**, p. 71-72, 1986.
- BARRETTO NETO, Luiz Carlos Pereira. **Estudo do caso de abandono esportivo na modalidade de basquetebol: Luiz Carlos Pereira Barretto Neto**. 2008. 43 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/118218>. Acesso: 01 jun. 2023.
- BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona: Hipno-Europeia, 1986.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BOLONHINI, S. Z.; PAES, R. R. A Proposta pedagógica no Teaching game for understanding: Reflexões sobre a iniciação esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i2.5694. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/5694>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BOOTH, T.; AINSCOW, M. **Index para a Inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Rio de Janeiro. Produzido pelo LaPEADE, 2011.
- BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Índex para. World**, 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf). Acesso em: 11 jul. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.
- BRASIL. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil** - lei nº 8.069, 1990.
- BRASIL. Lei nº 13.146 - **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Diário Oficial da União, Brasília, 2015. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2017.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular** – terceira versão, 2017.

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação.** Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Parecer CNE/CEB N. 7/2010, 2010.

BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** 5.692, 1971.

BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** 9.394, 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 11 jul. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação - lei nº 10.172,** 2001.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 7.853,** 1989.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física/ Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF,** 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12640:parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CAMPOS, Juliana LA; SILVA, Taline C.; ALBUQUERQUE, Ulysses P. **Observação participante e diário de campo:** quando utilizar e como analisar. Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia. Recife: Nupeea, p. 95-112, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Juliana-Campos-7/publication/351492815\\_Observacao\\_Participante\\_e\\_Diario\\_de\\_Campo\\_quando\\_utilizar\\_e\\_como\\_analisar/links/609a9c1d299bf1ad8d937f5c/Observacao-Participante-e-Diario-de-Campo-quando-utilizar-e-como-analisar.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Juliana-Campos-7/publication/351492815_Observacao_Participante_e_Diario_de_Campo_quando_utilizar_e_como_analisar/links/609a9c1d299bf1ad8d937f5c/Observacao-Participante-e-Diario-de-Campo-quando-utilizar-e-como-analisar.pdf). Acesso em: 12 jul. 2023.

CANDAU, V. **Didática Crítica Intercultural:** aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CANDAU, V. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, pp. 240-255, 2011.

CARNEIRO, Átila Viana. Basquetebol como instrumento de inclusão e desenvolvimento social. 2007. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1485/2/20225844.pdf>. Acesso em: 15 de jul. 2024.

CATERISANO, A.; PATRICK, B. T.; EDENFIELD, W. L.; BATSON, M. J. The effects of a basketball season on aerobic and strength parameters among college men: Starters vs. reserves. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 11, n. 1, p. 21-24, 1997. DOI: 10.1519/00124278-199702000-00005. Disponível em: <https://doi.org/10.1519/00124278-199702000-00005>. Acesso em: 06 jun. 2024.

CHICON, J. F. INCLUSÃO E EXCLUSÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Movimento**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 13–38, 2008. DOI: 10.22456/1982-8918.3760.

COELHO, Caroline Pugliero *et al.* Visões sobre inclusão escolar no contexto de Educação Especial: PCN X BNCC. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2019.

COLETIVO de autores. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2a ed.rev. São Paulo: Cortez, 2009.

CORAZZA, S. **O que quer um currículo?:** pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORRÊA, C. B. **A inclusão como estratégia de governo:** a condução da conduta dos sujeitos normais. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 3, p. 7-160, maio 2004. (Temática Educação Física Adaptada). p. 27-42.

DA COSTA, Israel Teoldo *et al.* Teaching Games for Understanding (TGfU) como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista palestra**, v. 10, p. 69-77, 2010. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.tgfu.info/uploads/1/0/0/8/10084267/modelo\\_de\\_ensino\\_dos\\_jec\\_1.pdf](http://www.tgfu.info/uploads/1/0/0/8/10084267/modelo_de_ensino_dos_jec_1.pdf). Acesso: 10 jun. 2024.

DA SILVA, Andrea Lidiane Soares; SANTOS, Francisco Xavier; LEÃO, Iberê Caldas Souza. Métodos de treinamento aplicados aos esportes coletivos de invasão: um estudo de revisão. **Praxia-Revista on-line de Educação Física da UEG**, v. 4, p. e2022013-e2022013, 2022.

DE ALMEIDA, Marcos Bezerra. Basquetebol baseado em evidências. **Revista de Educação Física/Journal of Physical Education**, v. 82, n. 157, 2013. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/292/338>. Acesso em 10 jul. 2023.

DE MOURA, Walcymar Souza Aleixo. Uma Análise dos Jogos Escolares do Amazonas de 2018: Um estudo descritivo das relações de causalidade entre teoria e prática em competições escolares de basquetebol. **BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 11, n. 4, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/5904>. Acesso: 31 mai. 2023.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. Capítulo 1 O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade, p. 9, 2011.

FERREIRA, Henrique Barcelos. **Pedagogia do esporte**: identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol. 2009. Disponível em: 02 jun. 2023.

FILHO, Lino Castellani. Metodologia do Ensino de Educação Física. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez, 2009.

FOLLE, Alexandra; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; GRAÇA, Amândio Braga dos Santos. Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, p. 317-329, 2015.

FRAIHA, Ana Livia Gorgatto. **A educação física escolar, o basquetebol e o livro didático**: avaliação do contexto da aprendizagem. 2012. 67 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/119115>. Acesso: 31 mai. 2023.

GADELHA, S. S. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.2, p.171-186, 2009.

GALATTI, Larissa Rafaela; SERRANO, Pedro; SEOANE, Antonio Montero; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e Basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação. **Rev. Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-93, jul/dez. 2012.

GOMES, João Henrique; MENDES, Renata Rebello; DELETRAT, Anne; ALMEIDA, Marcos Bezerra; JÚNIOR, Aylton José Figueira. Jogo reduzido como treino adicional para jogadores reservas de basquetebol de elite. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 27, p. 225-230, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/FjBZLPdMwp79HkRG4VHwW9K/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GONZALEZ, A. M.; HOFFMAN, J. R.; ROGOWSKI, J. P.; *et al.* Performance changes in NBA basketball players vary in starters vs. nonstarters over a competitive season. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 27, n. 3, p. 611-615, 2013. DOI: 10.1519/JSC.0b013e31825dd2d9. Disponível em: <https://doi.org/10.1519/JSC.0b013e31825dd2d9>. Acesso em: 10 jun. 2024.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime *et al.* **Esportes de invasão**: basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170984/001055489.pdf?sequence=>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GONZATTO, J. **Esportes de invasão**: diálogo com professores da educação básica quanto aos modelos de ensino utilizados nas aulas de educação física. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física - Licenciatura.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. **A investigação sobre modelos de ensino dos jogos desportivos**. 2007.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. **Belo horizonte**: UFMG, v. 1, p. 230, 1998.

GRIFFIN, L. L.; MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L. **Teaching Sport Concepts and Skills: A Tactical Games Approach**. Champaign Illinois: Human Kinetics, 547, 1997.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

LIMA, George Almeida. Aspectos didático-pedagógicos do basquetebol na escola. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo*, v. 3, n. 2, p. e324608-e324608, 2021. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.4608>. Acesso em: 02 jun. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 6. ed., São Paulo: EPU, 2012.

MACÊDO, J. A. S. **O ensino de esportes de invasão na educação física escolar**: construção e análise de uma proposta de ensino pautada nos jogos desportivos coletivos e nos estilos de ensino. Goiânia – GO e Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP de Presidente Prudente: UNESP, 2020. 172f. Dissertação. Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, Universidade Federal de Goiás, 2020.

MACIEL, Larissa Fernanda Porto *et al.* Envolvimento esportivo e escolar: percepções de alunos-atletas do programa “Basquetebol Para Todos”. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, n. 4, p. 92-103, 2017. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i4.7776>. Acesso em: 30 mai. 2023.

MAES, Rafael Fernando *et al.* Fundamentos do basquetebol com ênfase no jump. *Revista Mineira de Educação Física*, v. 22, n. 2, p. 127-143, 2014.

MAZZARDO, Tatiane *et al.* Intervenção pedagógica nos esportivos coletivos: uma revisão sistemática. **Journal of Physical Education**, v. 33, n. 1, 2022.

MENEZES, Eliana C. P. **A maquinaria escolar**: na produção de subjetividades para uma sociedade inclusiva 2011. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* O desafio do conhecimento. *Pesquisa qualitativa em saúde*, v. 14, p. 408, 1993.

MORALES, Juan Carlos Pérez; GRECO, Pablo Juan. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 4, p. 291-299, 2007. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092007000400004>. Acesso: 01 jun. 2023.

MOREIRA, Evandro Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov. **Educação Física Escolar: Desafios e Propostas 2.** 2ª edição revista e ampliada. Várzea Paulista: Fontoura, 2011.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a vida no Ensino Médio.** 1ª edição. São Paulo: Telos, 2012.

RAMOS, Valmor *et al.* O ensino inclusivo nas aulas de educação física: estudo a partir da percepção dos professores. **Conexões**, v. 13, n. 3, p. 24-47, 2015.

RAMOS, Valmor; DOS SANTOS GRAÇA, Amândio Braga; DO NASCIMENTO, Juarez Vieira. A representação do ensino do basquetebol em contexto escolar: estudos de casos na formação inicial em educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n. 1, p. 37-49, 2006. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092006000100004>. Acesso em: 02 jun. 2023.

ROCHA, Fabrício Freire *et al.* **O efeito das variáveis situacionais na efetividade do arremesso em jogos reduzidos de basquetebol.** Revista Brasileira de Educação Física, v. 31, n. abr./ju 2017, p. 447-455, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1807-5509201700020447>. Acesso em: 16 jun. 2024.

RODRIGUES, Heitor de Andrade. **Basquetebol na escola:** construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2009.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; LEONARDI, Thiago José; PAES, Roberto Rodrigues. Novas regras do basquetebol: estudo de caso sobre a percepção de jogadores de uma equipe profissional. **Conexões**, Campinas, SP, v. 11, n. 3, p. 147-165, 2013. DOI: 10.20396/conex.v11i3.8637608. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637608>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ROSE JUNIOR, D.; TRICOLI, V. **Basquetebol:** Uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri, SP: Manole, 2005.

SCAGLIA, Alcides José. **A pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas.** Jun. 2014. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/246/a-pedagogia-do-esporte-e-as-novas-tendencias-metodologicas>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos.** In: NÓVOA, A. (coord.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 77-91.

SEVERINO, Cláudio Delunardo *et al.* A iniciação ao basquetebol nas escolas: uma proposta metodológica. **Cadernos UniFOA**, v. 3, n. 1 esp, p. 11-11, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96030>. Acesso em: 03 jun. 2023.

SOARES, Claudia Vivien Carvalho de Oliveira. **As intervenções pedagógicas do professor em ambientes informatizados.** 2005. 112 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: [www.lume.ufrgs.br/andle/10183/7141?locale=pt\\_BR](http://www.lume.ufrgs.br/andle/10183/7141?locale=pt_BR). Acesso em: 03 jun. 2024.

SOUSA, Rui. Estudo descritivo da defesa no basquetebol em equipas do escalão senior feminino. 2007. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14718/2/38244.pdf>, Acesso em: 15 de jul, 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Ana Maria Fonseca; RIBEIRO, Sônia Maria. **Basquetebol em cadeira de rodas**. Paraolímpicos do Futuro, 2006. Acesso em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://unigra.com.br/arquivos/basquetebol-em-cadeira-de-rodas-.pdf>. disponível em: 15 de jul.2006.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIGO, Carmen Esperança Cesar. **Análise de uma experiência de intervenção pedagógica com uso de experimentos matemáticos: discutindo a importância da extensão universitária na formação docente**. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de Ciências, Instituto Federal do Rio de Janeiro, Nilópolis, 2012. Disponível em: [www.ifrj.edu.br/webfm\\_send/3048](http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/3048)>. Acesso em: 03 jun. 2024.

VEIGA-NETO, A. Governamentalidade e educação. **Revista Colombiana de Educação**, Bogotá, n.65, p.19-44, 2013.

VEIGA-NETO, A. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n.34, p.83-94, 2009.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - TERMO DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo. Sr Luis Henrique Dutra Trentim

Solicitamos formalmente a autorização institucional para a realização da pesquisa intitulada "PROPOSTA DE ENSINO DO BASQUETEBOL INCLUSIVO NO ENSINO MÉDIO" do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso. O mestrando Márcio Pereira da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, planeja conduzir essa pesquisa na Escola Estadual Militar Tiradentes "Dr. Manoel José Murtinho" da Rede Estadual do município de Diamantino.

O objetivo desta pesquisa é investigar as possibilidades didático-pedagógicas do basquetebol com os alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física, tendo em vista a democratização da sua prática e a promoção de ações inclusivas de seus praticantes no ambiente escolar.

Para alcançar esse objetivo, serão utilizados dois questionários estruturados como instrumentos de coleta de dados. Um questionário diagnóstico será aplicado 15 dias antes do início da aplicação da unidade didática, a fim de verificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a modalidade do basquetebol e suas experiências anteriores nas aulas de Educação Física.

Com base nos resultados do questionário diagnóstico, será elaborado um plano de intervenção contendo uma unidade didática para o ensino sistematizado do basquetebol, utilizando vivências de jogos reduzidos. Essa unidade didática será aplicada ao longo de um bimestre durante as aulas do componente curricular de Educação Física, conforme previsto na matriz curricular da escola.

Ao final dessa unidade temática, será aplicado um questionário de saída para compreender o impacto da unidade didática na participação dos estudantes nas aulas de Educação Física e para obter a opinião e reflexão dos(as) estudantes sobre o ensino do basquetebol.

Além dos questionários, utilizaremos o diário de campo como instrumento para coleta de dados. Por meio da técnica de observação participante, faremos anotações referentes aos fatos ocorridos em aula durante todo o processo de execução da unidade didática, incluindo o comportamento dos(as) estudantes, sua relação ao conteúdo vivenciado e outros aspectos relevantes. Também poderemos registrar fotos, gravações de áudio e/ou vídeos, com o devido consentimento dos participantes. Ressaltamos que todos os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo, cumprindo as determinações éticas da Resolução nº 466/2012 CNS/CONEP. Os participantes terão a garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, salientamos ainda que esses dados serão utilizados exclusivamente para este estudo.

Na certeza de contar com a colaboração e empenho da Diretoria Regional de Educação, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para esclarecimentos adicionais que se façam necessários.

Diamantino – MT, \_\_\_\_\_ de 2023

---

Márcio Pereira da Silva

Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional  
(PROEF) da UFMT

---

Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

Orientadora da pesquisa

( ) Concordamos com a solicitação                      ( ) Não concordamos com a  
solicitação

---

Luis Henrique Dutra Trentim  
Diretor Regional – DRE Diamantino

## APÊNDICE B - TERMO DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo. Sr Franklin Epiphanyo Gomes de Almeida - Ten Cel PM

Diretor: Escola Estadual Militar Tiradentes “Dr. Manoel José Murtinho”

Solicito anuência/autorização para a realização do projeto de pesquisa "PROPOSTA DE ENSINO DO BASQUETEBOL INCLUSIVO NO ENSINO MÉDIO", do(a) pesquisador(a) Márcio Pereira da Silva, do Programa/Curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Universidade Federal de Mato Grosso.

Informo que a coleta/produção de dados será realizada no período de 01/02/2023 a 31/05/2023.

Solicito, ainda, autorização para o uso de infraestrutura física para a realização da pesquisa, a saber: sala de aula, projetor, bolas e quadra da escola para o desenvolvimento das aulas teóricas e práticas referentes ao conteúdo de basquetebol, assim como para a aplicação dos questionários de entrada e saída.

Informo que o(a) pesquisador(a) se compromete a:

1. Iniciar a coleta de dados somente após a aprovação final do protocolo de pesquisa pelo Sistema CEP/CONEP. Informo que este projeto será avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos das áreas de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso – CEP/Humanidades/UFMT, em relação à análise ética.
2. Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos possíveis.
3. Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando, deste modo, as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos nas Resoluções Nº 466/12 e Nº 510/16 do CNS.
4. Como benefício para a instituição, após a finalização do projeto de pesquisa, poderemos ofertar aos discentes da unidade escolar uma sequência didática

validada sobre basquetebol, garantindo um ensino voltado para a formação integral do aluno e o estímulo à participação dos alunos nas aulas. Também serão abertas possibilidades para a promoção de eventos esportivos de basquetebol, fortalecendo uma relação saudável do aluno com a prática esportiva.

Data: \_\_\_\_\_

Nome do pesquisador: *Márcio Pereira da Silva*

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Eu, Franklin Epiphanyo Gomes de Almeida - Ten Cel PM, *diretor*, autorizo a realização da pesquisa conforme solicitado acima.

Data: \_\_\_\_\_

**Assinatura e carimbo institucional:** \_\_\_\_\_

APÊNDICE C – ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ALE (para preenchimento do estudante)

Prezado(a) aluno(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “PROPOSTA DE ENSINO DO BASQUETEBOL INCLUSIVO NO ENSINO MÉDIO”. Seus pais e responsáveis já concordaram com sua participação, e agora queremos obter o seu assentimento. A pesquisa será conduzida pelo pesquisador Márcio Pereira da Silva, professor de Educação Física, docente efetivo da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso, acadêmico do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Carrilho.

O objetivo desta pesquisa é investigar as possibilidades didático-pedagógicas do basquetebol com os alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física, visando à democratização de sua prática e à promoção de ações inclusivas para seus praticantes no ambiente escolar.

Para alcançar esse objetivo, serão utilizados dois questionários estruturados como instrumentos de coleta de dados. Um questionário diagnóstico será aplicado 15 dias antes do início da aplicação da unidade didática, com o intuito de verificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a modalidade do basquetebol e suas experiências anteriores nas aulas de Educação Física.

Como benefício, esta pesquisa poderá tornar as aulas de Educação Física ainda mais atrativas e dinâmicas, além de facilitar a aprendizagem sobre o basquete no seu formato esportivo. Contudo, existem riscos mínimos, próprios do cotidiano das aulas de Educação Física, como quedas, lesões ou outras ocorrências. Caso você se machuque, o professor realizará os primeiros socorros e seguirá o protocolo habitual da escola (ligando para os responsáveis e encaminhando ao pronto atendimento, se necessário). Para minimizar os riscos, o professor pesquisador solicitará a utilização de calçados e vestimentas adequadas para participar das aulas práticas, além de fornecer orientações sobre como utilizar corretamente os equipamentos esportivos.

É possível que você se sinta constrangido(a) ou inseguro(a) por não conseguir responder a algumas das perguntas dos questionários, podendo então deixá-las sem responder. Também é possível que você se sinta desconfortável ou tímido(a) com o fato de o professor/pesquisador realizar anotações sobre os fatos ocorridos nas aulas,

além de fazer alguns registros por meio de fotos, vídeos e gravação de áudio de algumas partes das aulas. Nesses momentos, caso você se sinta desconfortável ou tímido(a), poderá pedir para não participar da atividade ou solicitar que sua imagem ou voz não sejam registradas.

Caso haja despesas adicionais decorrentes da pesquisa, assim como eventuais danos relacionados à sua participação, serão de responsabilidade e assumidos pelo pesquisador. Sua participação é voluntária, e ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Será garantido o direito de não participar ou de retirar sua participação a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo.

É importante ressaltar que, caso você não tenha sido autorizado pelo responsável a participar da pesquisa ou não queira fazer parte do estudo, poderá participar das aulas normalmente, tendo acesso a todas as atividades da unidade didática, sem qualquer restrição, pois a pesquisa acontecerá durante as aulas regulares da disciplina de Educação Física.

Os resultados da pesquisa serão divulgados de forma a não identificar você, em eventos ou publicações científicas futuras. Você terá acesso aos resultados, assim como à pesquisa completa, na própria escola, pois uma cópia encadernada da pesquisa será disponibilizada à instituição escolar em março de 2025. Além disso, na mesma escola e mês, será promovida uma reunião pública para apresentar o estudo finalizado e seus resultados. O referido encontro será divulgado pelas mídias sociais da escola.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores: professora orientadora Profa. Dra. Ana Carrilho, pelo telefone (65) 99998-8133 ou pelo e-mail [anacarrilhorg@gmail.com](mailto:anacarrilhorg@gmail.com); e o professor pesquisador Márcio Pereira da Silva, pelo telefone (65) 99903-7545 ou pelo e-mail [silva.marcio@edu.mt.gov.br](mailto:silva.marcio@edu.mt.gov.br).

Esta pesquisa foi submetida ao sistema CEP/CONEP, gerando o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 65305922.9.0000.5690. O CEP tem o papel de salvaguardar a conduta ética da pesquisa, portanto, poderá ser procurado por você ou seu responsável caso haja denúncias ou dúvidas a respeito da conduta ética da pesquisa. Sendo assim, se, no decorrer da pesquisa, você constatar que ela não está sendo realizada conforme o descrito neste assentimento ou se sentir prejudicado de alguma forma, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em

Pesquisa com Seres Humanos – CEP/Humanidades/UFMT. Seguem os dados para contato, se necessário:

Coordenadora: Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro.

Endereço: Andar Térreo – sala 102 – Instituto de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso.

E-mail: [cephumanidades.propeq@ufmt.br](mailto:cephumanidades.propeq@ufmt.br).

WhatsApp: (65) 98122-1192.

Horário de funcionamento: das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Sendo assim, solicitamos a sua anuência. Caso aceite, preencha e assine ao final deste documento, que está em duas vias: uma ficará com você e a outra será arquivada pelo pesquisador por cinco anos.

Agradecemos desde já sua atenção!

---

Pesquisador responsável: Márcio Pereira da Silva

### **ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa “PROPOSTA DE ENSINO DO BASQUETEBOL INCLUSIVO NO ENSINO MÉDIO”. Autorizo o uso da minha imagem e voz, sem finalidade comercial, para ser utilizada em benefício da pesquisa. Autorizo, ainda, a divulgação dos meus dados pessoais, bem como informações sobre mim. Entendi os benefícios e os riscos que podem ocorrer. Compreendo que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento posso dizer “não” e desistir. O professor/pesquisador explicou sobre a pesquisa para mim e tirou minhas dúvidas. Li e entendi este Assentimento Livre e Esclarecido e concordo em participar da pesquisa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do estudante: \_\_\_\_\_

Observação: assine seu nome também na primeira página

## **APÊNDICE D – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – CLE** (para preenchimento dos pais e/ou responsáveis)

Estamos convidando seu filho(a) para participar da pesquisa “PROPOSTA DE ENSINO DO BASQUETEBOL INCLUSIVO NO ENSINO MÉDIO”. A pesquisa será conduzida pelo pesquisador Márcio Pereira da Silva, professor de Educação Física, docente efetivo da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso, acadêmico do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Carrilho.

O objetivo desta pesquisa é investigar as possibilidades didático-pedagógicas do basquetebol com os alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física, visando à democratização da sua prática e à promoção de ações inclusivas para os praticantes no ambiente escolar.

Para alcançar esse objetivo, serão utilizados dois questionários estruturados como instrumentos de coleta de dados. Um questionário diagnóstico será aplicado 15 dias antes do início da aplicação da unidade didática, a fim de verificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a modalidade do basquetebol e suas experiências anteriores nas aulas de Educação Física. A direção da escola já está ciente e permitiu a realização da pesquisa, que ocorrerá nas dependências da própria unidade de ensino, durante o horário normal das aulas de Educação Física.

Os procedimentos realizados no estudo serão os seguintes: o estudante deverá entregar o Assentimento Livre e Esclarecido (ALE), assinado por ele, assim como o Consentimento Livre e Esclarecido (CLE), assinado por você, responsável pelo estudante. Assim, seu filho participará deste estudo, realizando as aulas de Educação Física durante todo o primeiro bimestre, que tratarão do conteúdo de basquete no seu formato esportivo. Ele também deverá responder dois questionários: o questionário diagnóstico (no início da pesquisa) e um questionário de saída (ao final da pesquisa).

Como benefício, esta pesquisa poderá tornar as aulas de Educação Física mais atrativas e dinâmicas, além de facilitar a aprendizagem sobre o basquete no seu formato esportivo. Contudo, é possível que ocorram riscos, que são mínimos e próprios do cotidiano das aulas de Educação Física, como quedas, lesões ou outras

ocorrências. Caso o estudante se machuque, o professor realizará os primeiros socorros e seguirá o protocolo habitual da escola (ligando para os responsáveis e encaminhando-o ao pronto atendimento, se necessário). Para minimizar os riscos, o professor/pesquisador solicitará o uso de calçados e vestimentas adequadas para as aulas práticas, além de orientar corretamente sobre a utilização dos equipamentos esportivos.

É possível que o estudante se sinta constrangido(a) ou inseguro(a) por não conseguir responder algumas das perguntas dos questionários, podendo então deixá-las em branco. Também pode ocorrer de o estudante se sentir desconfortável ou tímido(a) devido às anotações que o professor/pesquisador fará sobre fatos ocorridos nas aulas, além de registros feitos por meio de fotos, vídeos e gravações de áudio de algumas partes das aulas. Nessas situações, caso o estudante se sinta desconfortável ou tímido(a), ele poderá pedir para não participar da atividade ou solicitar que sua imagem ou voz não seja registrada.

Conforme os artigos 9º e 19º da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, caso haja despesas diretamente decorrentes da participação do estudante na pesquisa, estas serão de responsabilidade e assumidas pelo pesquisador, e o participante terá o direito de buscar indenização por danos, conforme a lei. A participação do estudante é voluntária, não resultará em nenhum tipo de remuneração financeira ou custos para você, e será garantido o direito de o estudante recusar-se a participar da pesquisa ou de você retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

É importante ressaltar que o aluno que não for autorizado pelo responsável a participar da pesquisa ou o estudante que não desejar participar do estudo poderá continuar participando normalmente das aulas, com acesso a todas as atividades da unidade didática, sem qualquer restrição, pois a pesquisa ocorrerá durante as aulas regulares de Educação Física.

Será mantido o sigilo sobre as informações, e a privacidade será garantida. Os resultados da pesquisa serão divulgados sem identificar o estudante, em eventos ou publicações científicas futuras. Os participantes terão acesso aos resultados, assim como à pesquisa completa, na própria escola, onde uma cópia encadernada será disponibilizada à instituição escolar em março de 2025. Além disso, no mesmo mês e na mesma escola, será promovida uma reunião pública para apresentar o estudo finalizado e seus resultados, com divulgação do evento pelas mídias sociais da escola.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores: professora orientadora Profa. Dra. Ana Carrilho, pelo telefone 65 99998-8133 ou pelo e-mail [anacarrilhorg@gmail.com](mailto:anacarrilhorg@gmail.com); e o professor pesquisador Márcio Pereira da Silva, pelo telefone 65 99903-7545 ou pelo e-mail [silva.marcio@edu.mt.gov.br](mailto:silva.marcio@edu.mt.gov.br).

Esta pesquisa foi submetida ao sistema CEP/CONEP, gerando o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 65305922.9.0000.5690. O CEP tem o papel de salvaguardar a conduta ética da pesquisa, podendo ser procurado por você ou pelo participante da pesquisa no caso de denúncias ou dúvidas a respeito da conduta ética da pesquisa. Se no decorrer da pesquisa você constatar que ela não está sendo realizada conforme o que está descrito neste Consentimento ou se sentir prejudicado de alguma forma, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/Humanidades/UFMT. Seguem os dados para contato, se necessário: Coordenadora: Rosangela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro. Endereço: Andar Térreo – sala 102 – Instituto de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: [cephumanidades.propeq@ufmt.br](mailto:cephumanidades.propeq@ufmt.br). WhatsApp: (65) 98122 1192. Horário de funcionamento: das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Sendo assim, solicitamos a sua autorização. Caso aceite, preencha este documento, que foi emitido em duas vias, uma via ficará com você e a outra via será arquivada pelo pesquisador por cinco anos, garantindo livre acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. Além de preencher todos os dados, você e o pesquisador deverão assinar na última página deste documento, e as demais páginas deverão ser rubricadas.

Agradecemos desde já sua atenção!

Pesquisador responsável: Márcio Pereira da Silva

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_,

concordo que o estudante \_\_\_\_\_

participe do estudo “PROPOSTA DE ENSINO DO BASQUETEBOL INCLUSIVO NO ENSINO MÉDIO”. Autorizo também o uso de sua imagem e voz, desde que seja exclusivamente para fins da pesquisa e não tenha finalidade comercial. Autorizo ainda a divulgação dos dados pessoais, bem como informações sobre os participantes da pesquisa.

Estou ciente de que fui devidamente informado(a) sobre a pesquisa e seus procedimentos, e que todos os dados a respeito do participante não serão identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento.

Li e entendi este consentimento e concordo em liberar meu filho(a) para participar da pesquisa

.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura                      do                      responsável                      pelo                      estudante:

\_\_\_\_\_

Observação: rubrique as páginas anteriores.

## APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Idade:            Ano/Turma:    Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino

**Experiências, preferências e expectativas de aprendizagem**

1. Você gosta de participar das aulas de Educação Física? Se sim, por quê?
2. O que mais lhe agrada nas aulas de Educação Física?
3. O que você aprende nas aulas de Educação Física?
4. O que gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?
5. Você tem um esporte preferido? Se sim, qual é? E por que prefere esse esporte?
6. Você pratica algum esporte fora das aulas de Educação Física? Se sim, qual? E onde costuma praticá-lo?
7. Quais esportes você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?
8. Você já praticou basquetebol? ( ) Sim ( ) Não
9. Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade? Quais são elas?
10. Quais dos esportes de quadra você considera mais difíceis de entender e praticar?
  - a. ( ) Basquetebol
  - b. ( ) Futsal
  - c. ( ) Handebol
  - d. ( ) Vôlei

Figura 11 - Modelo preenchido de Apêndice E, página 1

Mestrado Profissional em  
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



6 – Você pratica algum esporte fora da aula de Educação Física? Se sim, qual?  
E onde você pratica?

*não pratico nenhum esporte fora da escola*

7 – Quais esporte (s) você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?

*Basquete*

8 -- Você já praticou basquetebol: sim (x) não ( )

9 - Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade?  
Quais?

*Sim mas não lembra*

10 – Quais dos esportes de quadra você acha mais difícil de ser entendido e praticado:

- a- ( ) Basquetebol
- b- ( ) Futsal
- c- (x) Handebol
- d- ( ) Vôlei

Figura 12 - Modelo preenchido de Apêndice E, página 2

Mestrado Profissional em  
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE SAÍDA

Idade: 15 Ano/Turma: 1ª aula

Gênero:  Feminino  Masculino

1 - Você gostou de participar das aulas de Educação Física em que aprendemos e praticamos o conteúdo sobre o basquetebol? Explique por quê?  
Sim, aprendi vários passes, regras e etc.

2 - Cite os fundamentos do basquete que você que você aprendeu:  
Passes, arremessos,

3 - Qual ou quais fundamentos do basquete você MAIS gostou de realizar durante as aulas? Explique por quê.  
Passes, pois tem vários

4 - Qual ou quais os fundamentos você NÃO gostou de realizar durante as aulas? Explique por quê.  
Arremessos, pois tem mais dificuldade

5 - Após a experiência de ter aprendido sobre o basquetebol, responda o que esse esporte tem em comum com outros esportes de quadra?  
Equipes e regras.

6 - Escreva tudo que você aprendeu sobre o basquetebol:  
As regras, passes

Página 1 de 2

Fonte: O autor (2024).

## APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE SAÍDA

Idade:            Ano/Turma:

Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino

**Experiências com o basquetebol nas aulas de Educação Física**

1. Você gostou de participar das aulas de Educação Física nas quais aprendemos e praticamos o conteúdo sobre basquetebol? Explique por quê.
2. Quais fundamentos do basquetebol você aprendeu?
3. Qual ou quais fundamentos do basquetebol você MAIS gostou de realizar durante as aulas? Justifique sua resposta.
4. Qual ou quais fundamentos você NÃO gostou de realizar durante as aulas? Justifique sua resposta.
5. Após a experiência de aprender sobre o basquetebol, o que você percebe como semelhanças desse esporte com outros esportes de quadra?
6. Escreva tudo o que você aprendeu sobre o basquetebol.
7. Você gostou de aprender e praticar o basquetebol em quadras menores? Justifique sua resposta.
8. Quais os pontos POSITIVOS de aprender e praticar o basquetebol em quadras reduzidas?
9. Quais os pontos NEGATIVOS de aprender e praticar o basquetebol em quadras reduzidas?
10. Além de aprender a jogar basquetebol e conhecer suas principais regras, o que mais você aprendeu durante este bimestre nas aulas de Educação Física?
11. Você acredita que apenas os alunos mais habilidosos devem participar das aulas de Educação Física? Justifique sua resposta.

**Figura 13** - Modelo preenchido de Apêndice F, página 1

Mestrado Profissional em  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



**APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE SAÍDA**

Idade: 15 Ano/Turma: 1ª aula

Gênero:  Feminino ( ) Masculino

1 - Você gostou de participar das aulas de Educação Física em que aprendemos e praticamos o conteúdo sobre o basquetebol? Explique por quê?  
Sim, aprendi vários passes, regras e etc.

2 - Cite os fundamentos do basquete que você que você aprendeu:  
Passes, arremessos,

3 – Qual ou quais fundamentos do basquete você MAIS gostou de realizar durante as aulas? Explique por quê.  
Passes, pois tem vários

4 – Qual ou quais os fundamentos você NÃO gostou de realizar durante as aulas? Explique por quê.  
Arremessos, pois tem mais dificuldade

5 – Após a experiência de ter aprendido sobre o basquetebol, responda o que esse esporte tem em comum com outros esportes de quadra?  
Equipes e regras.

6 – Escreva tudo que você aprendeu sobre o basquetebol:  
As regras, passes

Página 1 de 2

**Figura 14** - Modelo preenchido de Apêndice F, página 1

Mestrado Profissional em  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



7 – Você gostou de ter aprendido e praticado o basquetebol em quadras menores? Explique.  
 Sim, consigo me concentrar.

8 – Quais os pontos POSITIVOS de aprender e praticar o basquete em quadra dividida em quadras reduzidas (quadras menores)?  
 mais fácil pra adaptar.

9 – Quais os pontos NEGATIVOS de aprender e praticar basquetebol em quadra dividida em quadras reduzidas (quadras menores)?  
 socializar com menos pessoas.

10 - Além de aprender a jogar basquetebol e conhecer suas principais regras, o que mais você aprendeu durante este bimestre nas aulas de Educação Física?  
 (sobre o esporte) História do Basquete.

11 – Você acredita que APENAS os alunos mais habilidosos devam participar das aulas de Educação Física? Explique.  
 não, todos devem aprender.

Página 2 de 2

## APÊNDICE G - ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES – DIÁRIO DE CAMPO

<b>Aula n°:</b>	<b>Data:</b>	<b>Local da observação:</b>
<b>Tema da aula:</b>		
<b>Objetivos:</b>		
<b>Recursos e materiais:</b>		
<b>Procedimentos metodológicos</b> (relação entre as atividades propostas/apropriação dos saberes):		
<b>Avaliação da aula pelos alunos</b> (avanços, dificuldades, reclamações, elogios, descrição de sentimentos, atitudes e comportamentos):		
<b>Observações do pesquisador</b> (principais problemas, avanços percebidos, reflexões e sentimentos):		

## OUTRAS OBSERVAÇÕES / REFLEXÕES:

Márcio Pereira da Silva  
Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.  
(PROEF) da UFMT.

Prof. Dra. Ana Carrilho Romero Grunnenvaldt  
Orientadora da pesquisa

## ANEXOS



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

### **Plano de aula. 01**

**Duração:** 1 h 40 min  
Tema: Basquete, esporte de invasão.  
Conteúdo: Estudo da história do basquete.

**Objetivo Geral:**  
Propostas do ensino do basquetebol inclusivo no ensino médio.

**Objetivos Específicos:**  
Identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a modalidade.

Breve estudo da história do basquete e seus fundamentos.

Verificar as expectativas de aprendizagem dos alunos, em relação ao basquete inclusivo.

### **Metodologia:**

Na aula teórica em sala, vamos estudar a história do basquete, suas origens e evolução. Em seguida, realizaremos uma roda de conversa para retomar e reforçar o estudo.

**Matérias:** Sala de aula, quadro, celular e notebook.

**Avaliação:** Ao término da aula, avaliar o nível de compreensão dos alunos sobre a atividade proposta, identificando dúvidas, curiosidades e os aspectos que mais chamaram a atenção.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 02**

**Duração:** 1 h 40 min

Tema: Basquete, esporte de invasão.

Conteúdo: Estudo da das regras e fundamentos do basquete.

**Objetivo Geral:**

Trabalhar as regras e fundamentos do basquete.

**Objetivos Específicos:**

Familiarizar e ter o primeiro contato com a bola de basquete através dos fundamentos, bem como o controle de bola, manejo com a bola.

Explicar, discutir sobre os conceitos e regras básicas da modalidade do basquete.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática, realizar aquecimento e alongamento, ensinar os fundamentos do basquete e explicar as regras durante a aula. Ao final, realizar um feedback, reforçar a prática e tirar as dúvidas dos alunos.

**Matérias:** Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, apto, celular e notebook.

**Avaliação:** Ao final da aula, avaliar a compreensão da atividade proposta pelos alunos, registrando dúvidas, curiosidades e os aspectos que mais lhes chamaram a atenção.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 03 e 04**

**Duração:** 1 h 40 min  
Tema: Basquete, esporte de invasão.  
Conteúdo: Fundamentos e manejo de bola do basquete.

**Objetivo Geral:**

Desenvolver habilidades básica do manejo de bola e compreensão dos fundamentos dos fundamentos do basquete.

**Objetivos Específicos:**

Ensinar e reforçar as técnicas de drible, passe e arremesso.

Desenvolver o controle de bola.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática o aquecimento, o alongamento, demonstrar e explicar os manejos de bola e os fundamentos do basquete, como passe, drible, arremesso, além de ensinar as regras durante a aula. Serão realizados jogos 5x5 e 2x2. Ao final, será realizado um feedback para reforçar a prática e esclarecer dúvidas.

**Matérias:** Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, apto, celular e notebook.

**Avaliação:** Ao término da aula, avaliar se os alunos compreenderam o conteúdo e registrar dúvidas, curiosidades e os aspectos que mais lhes despertaram interesse.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 05**

**Duração:** 1 h 40 min

Tema: Basquete, esporte de invasão.

Conteúdo: Fundamentos, manejo de bola, defesa e ataque, marcação do basquete.

**Objetivo Geral:**

Desenvolver habilidades básica do manejo de bola e compreensão dos fundamentos do basquete.

**Objetivos Específicos:**

Ensinar e reforçar as técnicas de drible, passe e arremesso.

Trabalhar ataque e defesa.

Desenvolver o controle de bola.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática o aquecimento, o alongamento, demonstrar e explicar os fundamentos do basquete, incluindo passe, drible e arremesso, além de ensinar a defesa 2-1-2 e as regras durante a aula. A prática envolverá tanto o ataque quanto a defesa. Ao final, será realizado um feedback para reforçar a prática e esclarecer dúvidas.

**Matérias:** Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, apto, celular e notebook.

**Avaliação:** No encerramento da aula, verificar a assimilação do conteúdo pelos alunos, registrando dúvidas, curiosidades e pontos de maior destaque.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 06**

**Duração:** 1 h 40 min

Tema: Basquete, esporte de invasão.

Conteúdo: Jogo e Táticas 5x5 e 3x3, 2x2 utilização de quadra reduzida.

**Objetivo Geral:**

Desenvolver habilidades práticas e táticas do basquete.

**Objetivos Específicos:**

Compreender e aplicar as regras e estratégias básicas do basquete.

Aplicar táticas de defesa e ataque em jogos 5x5, 3x3 e 2x2.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática o aquecimento, o alongamento, demonstrar e explicar as táticas de defesa e ataque no basquete, além de ensinar as regras durante a aula. A prática será desenvolvida com jogos 2x2 e 3x3 em quadra reduzida, seguida por um jogo 5x5 na quadra de tamanho normal. Ao final, será realizado um feedback para reforçar a prática e esclarecer dúvidas.

**Matérias:** Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, apto, celular e notebook.

**Avaliação:** Ao concluir a aula, verificar se os estudantes absorveram o conteúdo apresentado, registrando eventuais perguntas, interesses ou aspectos que despertaram curiosidade.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 07**

**Duração:** 1 h 40 min  
Tema: Basquete, esporte de invasão.  
Conteúdo: Fundamentos Jogo e defesa 2/3.

**Objetivo Geral:**

Desenvolver habilidades de defesa e táticas do basquete.

**Objetivos Específicos:**

Compreender e aplicar as regras e estratégias de defesa do basquete.

Aplicar formação de defesa 3/2.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática o aquecimento, o alongamento, demonstrar e explicar as táticas de defesa e ataque no basquetebol, ensinar as regras durante a aula, praticar a defesa 3/2 em quadra e realizar o jogo. Ao final, realizar um feedback, esclarecendo as dúvidas dos alunos.

**Matérias:** Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, apto, celular e notebook.

**Avaliação:** Encerrar a aula avaliando o entendimento dos alunos sobre a proposta de ensino, anotando suas dúvidas, observações curiosas e os tópicos mais impactantes da atividade.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 08**

**Duração:** 1 h 40 min

Tema: Basquete, esporte de invasão.

Conteúdo: Fundamentos Jogo e defesa 2/3, recreação do relógio e do vinte um (21).

**Objetivo Geral:**

Desenvolver habilidades de defesa e táticas do basquete, trabalhar a recreação.

**Objetivos Específicos:**

Compreender e aplicar as regras e estratégias de defesa do basquete.

Aplicar formação de defesa 3/2.

Trabalhar a recreação do relógio e 21.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática o aquecimento, alongamento, demonstrar e explicar as táticas de defesa e ataque do basquetebol, ensinar as regras durante a aula, praticar a defesa 3/2 em quadra e realizar as recreações do "Relógio" e do "Vinte e Um" (21). Desenvolver o jogo e, ao final, realizar um feedback, esclarecendo dúvidas.

**Materiais:**

Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, cadeira de rodas, celular e notebook.

**Avaliação:**

Avaliar, ao final da aula, se os alunos compreenderam o conteúdo abordado, identificar se surgiram curiosidades, o que mais chamou a atenção e se os alunos entenderam a atividade proposta.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 09**

**Duração:** 1 h 40 min

Tema: Basquete em cadeira de roda, esporte de invasão.

Conteúdo: Basquete em cadeiras de roda.

**Objetivo Geral:**

Desenvolver demonstrar o basquete em cadeiras de rodas.

**Objetivos Específicos:**

Compreender e aplicar as regras e estratégias do basquete em cadeiras de rodas.

Aplicar a história do basquete em cadeiras de roda.

Trabalhar a recreação do esporte.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática o aquecimento, alongamento, demonstrar e explicar a história do esporte, ensinar as regras e a forma correta de movimentação com a cadeira de rodas, realizar o jogo na quadra e, ao final, realizar um feedback, esclarecendo dúvidas.

**Materiais:**

Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, cadeira de rodas, celular e notebook.

**Avaliação:**

Na fase final, verificar se os participantes compreenderam a atividade e coletar perguntas, curiosidades e os pontos que mais lhes chamaram a atenção.



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA ESTADUAL MILITAR TIRADENTES  
“Dr. Manoel José Murtinho”

**Disciplina:** Educação Física  
**Série:** 1º Ano EM  
**Professor:** Márcio Pereira da Silva

**Plano de aula. 10**

**Duração:** 1 h 40 min  
Tema: Basquete, esporte de invasão.  
Conteúdo: Jogo 2x2, 3x3, 5x5.

**Objetivo Geral:**

Desenvolver e socializar a interação através do jogo.

**Objetivos Específicos:**

Socializar a turma através do jogo basquete.

Aplicar os jogos 2x2, 3x3 e 5x5.

Trabalhar o espírito esportivo.

**Metodologia:**

Trabalhar na prática o aquecimento e alongamento, demonstrar e explicar as formas de jogo 2x2, 3x3 e 5x5 do basquetebol, incentivar a cooperação e o espírito esportivo durante as partidas e, ao final, realizar um feedback e esclarecer eventuais dúvidas.

**Matérias:** Sala de aula, quadro, quadra, bolas de basquete, apto, celular e notebook.

**Avaliação:** Ao término da atividade, verificar a compreensão dos conceitos pelos alunos e registrar suas perguntas, curiosidades e os pontos que mais lhes chamaram a atenção.